

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FILOSOFIA E TEOLOGIA - CEFT

CLAUDINEY RODRIGUES CORREA  
HELENA CRISTINA DE SOUZA COELHO RODRIGUES CORREA

O CONCEITO DE AMOR EM SANTO AGOSTINHO À LUZ DO  
PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

São Paulo

2016

REVISTA PANDORA BRASIL - Nº 76 novembro de 2016  
“TEMAS DE FILOSOFIA: ARISTÓFANES E AGOSTINHO”

CLAUDINEY RODRIGUES CORREA  
HELENA CRISTINA DE SOUZA COELHO RODRIGUES CORREA

O CONCEITO DE AMOR EM SANTO AGOSTINHO À LUZ DO  
PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro de Educação,  
Filosofia e Teologia na Universidade  
Presbiteriana Mackenzie como requisito  
parcial à obtenção do grau de Licenciado  
em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luis Gutiérrez

São Paulo

2016

## AGRADECIMENTO

Em todas as fases de nossas vidas elevamos primeiramente a Deus o nosso agradecimento, por todas as vitórias alcançadas e, assim o é, com mais esta conquista, a finalização de um curso tão primoroso quanto é a ampliação dos nossos conhecimentos através da Filosofia.

Que Deus, com Sua Infinita Misericórdia, nos sustente a ir além de nossas possibilidades de conhecimento para que, assim, possamos colocar em prática todo o conhecimento adquirido fazendo valer todo nosso esforço, bem como, de todos os professores que passaram pelo nosso caminho.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, por fornecer um ambiente fantástico e acolhedor através de todo corpo docente e coordenação. Foram momentos memoráveis que jamais esqueceremos.

Ao nosso orientador Jorge Luís Gutiérrez, o nosso mais que muito obrigado, a nossa gratidão por compartilhar tanto conhecimento. Podemos dizer que a inspiração de conclusão do nosso curso partiu de suas aulas maravilhosas sobre Santo Agostinho. Nos apaixonamos por essa história inspiradora que fez tanta diferença para a humanidade, que requer homens valorosos que não se impressionam com suas limitações materiais, deixando um legado para o mundo sofrendor de que o amor está acima de nossas imperfeições e que podemos mudar nosso destino com boa vontade e disposição no bem.

Aprendemos que aquilo que nos faz crescer são as dificuldades que encontramos pelos caminhos, ninguém cresce na facilidade, e o que nos conforta é que temos um Deus que nunca nos abandona. Após um dia difícil, encontramos sempre razões para seguir em frente, sem desanimar, sem desistir jamais dos propósitos traçados para nossas vidas.

Não podemos esquecer jamais do esforço e dedicação de nossos pais que sempre lutaram para nos oferecer boa educação, mesmo isso custando para eles muitos sacrifícios. Dessa forma nos tornamos pessoas convictas, capazes de traçar nossos objetivos, cuja busca é o crescimento pessoal, profissional e espiritual.

É fato, requer extrema dedicação e aprendemos que se quisermos ir além do que somos precisamos empreender uma grande dose de boa vontade, equilíbrio e determinação no bem.

Agradecemos do fundo do nosso coração o incentivo incondicional de nossas filhas, Ana Cláudia, Isabella Cristina e Lívia Melissa, pois, são joias raras que Deus nos concede e que entenderam esse momento tão importante de nossas vidas. Gratidão Eterna.

Agradecemos eternamente pelos ensinamentos transmitidos pelo nosso líder espiritualista Paiva Netto. Ele nos inspira todos os dias com a sua decisão firme no Cristo de Deus e nos ensina, acima de tudo, que “o maior sofrimento é a ausência de Amor” (PAIVA NETTO, 2000, p. 93). E é justamente esse o tema que consagra o nosso trabalho de monografia. Quem ama jamais se esquece de alguém que fez e faz toda a diferença no direcionamento da vida em todos os aspectos: pessoais, morais, éticos e espirituais. Por intermédio dos escritos e das falas de Paiva Netto, aprendemos a colocar o Amor acima de todas as barreiras que possam parecer intransponíveis, pois esse sentimento supera tudo. Assim, formamos nossa família, e Deus tem nos abençoado grandemente. Sabemos o quanto foi desafiador para conciliarmos o estudo, a vida pessoal, profissional e familiar, mas unidos vencemos mais uma etapa com louvor.

Graças te Elevamos Senhor Deus por mais uma vitória alcançada.

## RESUMO

Esse estudo tem como finalidade uma reflexão sobre *o conceito de amor em Santo Agostinho à luz do pensamento filosófico de Hannah Arendt*, bem como uma análise da vida humana a respeito da vida antes da vida e os caminhos pelos quais devemos trilhar para que, ao encerrarmos nossa passagem pela terra, estejamos de almas preparadas para a nova vida que se consuma com o fenômeno da morte do corpo físico, considerando o pensamento dos filósofos Agostinho e Arendt.

**Palavras-chave:** amor – desejo – memória

**ABSTRACT**

This study has as finality a reflection about the concept of love in St. Augustine in the light of the philosophical thought of Hannah Arendt, as well an analysis of human life about respect of life before life and the path by which we must pursue so that we close our time on earth we prepared souls for the new life that is consumed with the phenomenon of death of the physical body, considering the think of the philosophers Augustine and Arendt.

**Key words:** love – desire - memory

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>1.1 Vida de Agostinho de Hipona .....</b>	<b>09</b>
<b>1.2 Conversão .....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 Morte de Agostinho .....</b>	<b>13</b>
<b>1.4 Principais Obras de Santo Agostinho .....</b>	<b>15</b>
<b>1.5 A vida de Hannah Arendt .....</b>	<b>17</b>
<b>2. CAPÍTULO I .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 A estrutura do desejo .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 A morte como imperfeição e sua dupla interpretação .....</b>	<b>23</b>
<b>2.3 O bem absoluto, a eternidade.....</b>	<b>24</b>
<b>2.4 Caridade e cobiça – O bem da vida .....</b>	<b>26</b>
<b>2.5 Fruição e eternidade .....</b>	<b>28</b>
<b>2.6 Passagem do esquecimento.....</b>	<b>29</b>
<b>2.7 Reversão do amor a si .....</b>	<b>30</b>
<b>2.8 Amor de Santo Agostinho e o Amor de Paulo Apostolo .....</b>	<b>31</b>
<b>2.9 Passagem do esquecimento, a explicação da fruição .....</b>	<b>32</b>
<b>2.10 A caridade via para um fim último, “por amor de ti” .....</b>	<b>33</b>
<b>2.11 O amor ordenado - O uso livre .....</b>	<b>35</b>
<b>3. CAPÍTULO II .....</b>	<b>37</b>
<b>3.1 Criador - Criatura (CREATOR-CRIATURA) .....</b>	<b>37</b>
<b>4. CAPÍTULO III .....</b>	<b>46</b>
<b>4.1 A vida em sociedade .....</b>	<b>46</b>
<b>5. POEMA SOBRE O AMOR .....</b>	<b>53</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Agostinho de Hipona, ou Aurélio Augustinus, nasceu em Tagaste na Argélia, no ano 354 e morreu em Hipona em 430, foi professor, teólogo, padre da igreja católica, escritor, filósofo e grande estudioso da fé cristã, filho de um funcionário municipal, Patrício, e de Mônica, fervorosa cristã, que a Igreja venera como Santa. O filósofo trabalhou intensamente no esclarecimento das relações entre razão e fé, ao mesmo tempo racionalizou dogmas cristãos, sintetizando as doutrinas fundamentais do cristianismo, desenvolveu as teses que constituíram a base da filosofia cristã durante séculos. Mesmo passando XV séculos, sua história continua sendo lembrada por religiosos e estudiosos. Os principais temas abordados por Santo Agostinho foram: as relações entre a fé e a razão; a natureza do conhecimento; os conceitos de Deus e da criação do mundo; a questão do mal; e, a filosofia da história. Seu pensamento filosófico, une a filosofia e a teologia. Segundo ele, a palavra é que move o homem para as descobertas das verdades sobre as coisas do mundo e de Deus, o diálogo faz parte de toda sua obra, é preciso fazer uma ligação entre o conhecimento com a realidade em que se vive na busca pela formação dos valores que integram o homem e sociedade, com o objetivo de chegar ao conhecimento profundo e verdadeiro das razões eternas.

Nesse estudo, o objetivo é elucidar o conceito de amor em Santo Agostinho. Para o autor, a felicidade do ser humano encontra-se no amor, especialmente no amor mais puro e eterno que é o amor a Deus, Aquele que nos amou por toda a eternidade.

Santo Agostinho vivenciou intensamente seus amores de maneira a acreditar que a vida precisa ser vivida na sua totalidade, suas decisões devem ser referendadas por seus ideais e suas crenças, desde que essas o levem a uma vida feliz. Assim sendo, na obra de Santo Agostinho o conceito de felicidade está relacionado ao amor à Deus.

Sua vida foi marcada por grandes desafios, o homem Agostinho, passou por muitas tormentas e teve que vencer as tentações humanas e, ainda assim, progredir de um simples juvenil cheio de erros para um grande filósofo, um dos maiores religiosos e defensor do amor à Deus.

Seus exemplos de perseverança amadureceram muitos religiosos e encheu de esperança muitos homens que não acreditavam em si mesmo, na capacidade de amar ao próximo.



Sua fé fez e faz parte da história da humanidade, ainda alheia à verdadeira finalidade que é viver intensamente, pois, viver pressupõe fazer escolhas e suportar com dignidade as consequências das escolhas feitas.

Para Santo Agostinho, o amor e a fé tem a capacidade de transformar os seres humanos pecaminosos em pessoas melhores, ele foi um grande exemplo de que mudar a consciência humana é possível, no entanto, o ser humano precisa vencer a si mesmo e abandonar os prazeres humanos, o que não é fácil. É preciso coragem e muita determinação, o que não faltou na jornada deste homem de fé quando aqui na terra viveu.

Para compreender o amor em Santo Agostinho é preciso entender com profundidade seus escritos e desvendá-los. É preciso explicitar seus pensamentos ocultos, guardados em seu interior mais profundo, para que se possa exteriorizá-lo de maneira única e isso torna a definição de amor extremamente complexa, considerando uma análise do amor entendido sistematicamente.

Falar de amor parece simples, mas quando analisamos sua essência nos deparamos com desafios imensos, até porque precisamos diferenciá-lo não só em seus sentidos, mas avançarmos para um entendimento que muitas vezes gera sofrimento.

Para o filósofo, o amor teve enigmáticas definições, ao qual a filósofa Hannah Arendt (1997, p. 189), se debruçou procurando dividi-lo em três partes: “O amor como desejo (AMOR QUA APPETITUS); Criador e Criatura (CREATOR – CREATURA) o amor entre o homem e Deus; A vida em sociedade (VITA SOCIALIS) o amor ao próximo”.

A trajetória vivida por Agostinho em busca da felicidade permanente, foi um caminho árduo, sua jornada foi marcada pelos desejos, paixões, solidão, medo, felicidade, caridade, fé, amor ao próximo e morte.

O conceito de amor em Santo Agostinho está relacionado ao desejo. O desejo de viver intensamente e o desejo muitas vezes contradiz a vontade, onde a mente deseja renunciar e o corpo deseja os amores do mundo. Isso aconteceu com Agostinho e ele pagou pesado tributo em busca do amor e a felicidade considerado por ele verdadeira.

Para Santo Agostinho a vida é uma sucessão de questionamentos internos que devemos fazer a nós mesmos e não se tranquilizar enquanto não encontrar a verdade e a felicidade.

## 1.1 Vida de Agostinho de Hipona

Mônica, a mãe de Agostinho era cristã. E, é a ela que o autor atribuiu grande mérito da sua fé. Contra a vontade de sua mãe, ele seguiu o maniqueísmo, uma seita religiosa existente na época que via o bem e o mal como duas forças que regiam o universo.

Agostinho (2007, p. 23) desejava o conhecimento das coisas divinas e ainda jovem seguiu o maniqueísmo, vindo a se decepcionar com essa escolha, dizia: “Não conhecia eu outra realidade – a verdadeira – e me sentia como que movido por um agulhão a aceitar a opinião daqueles insensatos impostores [...]”.

No decorrer do tempo, Agostinho foi percebendo que o maniqueísmo não possuía os esclarecimentos a seus questionamentos sobre as verdades eternas, a qual foi sua grande busca enquanto na terra permanecera.

Sua mãe era cristã fervorosa na fé e vivia em constante oração pelo filho, temia pelo seu futuro pois ele, enquanto jovem, vivia em más companhias.

Suas preocupações concentravam-se no tipo de vida do filho e não era o que idealizara para Agostinho, ele cercara-se de influências e tentações que poderiam desviá-lo do caminho honrado.

Como mãe, Mônica nunca desistiu de seu filho, nunca deixou de aconselhá-lo. E essa mãe não estava errada em zelar pelo bem-estar espiritual daquele homem, pois essa história deixou ao mundo numerosas lições de coragem, determinação, amor e fé, no bem.

Mônica também nos deixa uma grande lição, de que o mundo precisa do amor das mulheres, especialmente das mães, na condução dos filhos, pois elas possuem a capacidade de amar o próximo de tal maneira tornando-os em grandes homens para a humanidade, transformando vidas aparentemente perdidas em pessoas de bem, como aconteceu com Agostinho.

Aos 17 anos, Agostinho conhece uma mulher e vivem juntos por aproximadamente quinze anos, vindo a abandoná-la. A perda desse amor o abalara profundamente. Com esta mulher Agostinho teve um filho que ele muito amou, Adeodato, que anos mais tarde convertera ao cristianismo com seu pai.

Agostinho estava convicto de algumas coisas, uma delas é que ele teria que renunciar todas as ambições, todas as “alegrias”<sup>1</sup>, os prazeres sensuais, caso quisesse tornar-se

---

<sup>1</sup> No caso, alegrias aparece como sinônimo de prazeres da vida ou, ainda, prazeres da carne.

verdadeiramente cristão. Os desafios enfrentados por ele, foram muitos, desafios que deixaram marcas profundas na sua alma.

Agostinho (2007, p. 78) travou verdadeira luta contra os prazeres da carne, nos momentos de indecisão interior ele dizia: “Dá-me o dom da castidade, mas não agora”.

Ele postergava essa decisão, pois ainda estava demasiadamente apegado aos prazeres mundanos, não se sentia preparado a abandonar os vícios da vida carnal. Ele queria mudar, mas ao mesmo tempo sofria por não sentir capacidade para tamanha transformação, vivendo atormentado preso às tentações e futilidades da vida humana, vícios que se libertaria anos mais tarde.

Em seus devaneios, vivia entre a vida mundana e a conversão para a vida cristã.

Por muitos anos sofreu preferindo viver uma vida cômoda, indecisa, não se apegava ao matrimônio e nem à vida cristã, enfrentou uma dura batalha entre a vontade de mudar e o medo dessa mudança, queria deixar a vida de pecado e seguir uma vida correta, mas era difícil e ele falava consigo mesmo, “não agora”. (AGOSTINHO, 2007)

## 1.2 A conversão

Antes da sua cristianização, Santo Agostinho vivia com a alma atormentada pela indecisão entre o desejo de cultivar suas paixões mundanas e a vida cristã.

Em agosto de 386, cansado de relutar contra si mesmo, clamou a Deus com toda força de sua alma sofrida, angustiado dizia:

E tu, Senhor, até quando? Até quando continuarás irritado? Não te lembres de nossas culpas passadas! Sentia-me ainda preso ao passado, e por isso gritava desesperadamente: 'Por quanto tempo, por quanto tempo direi não ainda: amanhã, amanhã? Por que não agora? Por que não pôr fim agora à minha indignidade? Não agora. (AGOSTINHO, 2007, p. 78)

No auge do desespero que o consumia, tomado pela solidão e profunda introspecção, solitário em suas reflexões, Agostinho ouviu uma voz de criança dizendo: “toma e lê, toma e lê”. (AGOSTINHO, 2007, p. 78). Obedecendo aquela voz em forma de canto, provavelmente

enviada pela bondade Divina, abre o livro na epístola de Paulo aos Romanos com os seguintes dizeres: “Andemos honestamente como de dia. Não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavença e inveja. Ao contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne”. (Rm 13.13,14)

Aquela mensagem mudara para sempre sua vida. Agostinho, tomado por uma força imensa que invade não somente seu coração de coragem e ânimo, mas que também tomou conta da sua alma e sua vida se encheu de luz tomando novo sentido.

Daquele momento em diante e eternamente, ele entendeu que se quisesse conhecer a verdade sobre si mesmo e as verdades Divinas, teria que interiorizar-se mais do que nunca, modificar seus sentimentos, tornando sua vida regrada, eliminando os excessos da vida material.

Ele precisava cuidar melhor da vida espiritual e olhar para si mesmo, curar as próprias feridas emocionais para então entender as verdades eternas. A partir de então, não mais se comprazia daquela vida pecaminosa e sim de todo o bem que a verdade Divina lhe revelara através do impacto das palavras de Paulo Apóstolo que confrontava seu passado, elucidando toda a verdade que, há muito tempo, fazia parte de seus pensamentos. Esta provavelmente tenha sido a resposta pela qual procurava e isso lhe deu forças, coragem para vencer os grandes enganos pelos quais padecera até então, pelas escolhas erradas que fizera durante seu passado. A partir daquele dia, Agostinho deixou a ocupação de professor, abriu as portas de sua casa para estudos e reflexões, vendeu tudo que tinha e se dedicou integralmente ao estudo sobre as verdades divinas, seguindo vida reta, renunciando um passado cercado de mazelas. Toda miséria espiritual que vivera até aquele dia tornara-se fruto de um passado que ele nunca esquecera, mas que não fazia mais parte da sua vida de sofrimento. Aquele homem indeciso não existia mais, dali em diante viveria para se dedicar ao amor à Deus que para ele passou a ser a ordem Maior de sua vida.

No ano seguinte, com 33 anos, na noite da páscoa, foi batizado por Santo Ambrósio, juntamente com seu filho, Adeodato e seu amigo Alípio. Logo após seu batismo, sua mãe faleceu, certamente realizada, pois presenciou a luz que preencheu o vazio de escuridão vivida por aquele homem. O amor e a perseverança de sua mãe foram fundamentais neste processo de transformação e Agostinho soube reconhecer isso. O amor que ele tinha pela mãe também era grandioso, ele a venerava, reconhecendo os méritos aos quais ele sempre lhe ofertara. Santo Ambrósio, que influenciou Agostinho a conversão, teve uma revelação espiritual ao ler o relato

da vida de Santo Antão, ficou tocado pela história que decidiu entrar para igreja e regressar à África onde foi ordenado padre pouco depois.

Após sua conversão, Agostinho mudou-se para Hipona, passando a ser conhecido como Agostinho de Hipona. Quatro anos depois, contra sua vontade, foi eleito bispo auxiliar. Nessa ocasião, o então bispo Valério, propôs uma assembleia para informar a Agostinho que ele seria um ministro para auxiliá-lo nas pregações. Agostinho, que não se sentia preparado, protestou, implorou, mas não teve jeito. Sua ordenação estava decidida e nada poderia fazer para mudar isso. Logo, mais uma vez, teve que enfrentar seus medos e seguir em frente. Sua vida passou por uma transformação ainda maior, pois estava próxima a data que seria nomeado bispo de Hipona.

Em 396 aos 42 anos, ele foi nomeado bispo em Hipona, havia fundado um mosteiro que se tornou um local para seminários de ministros e bispos por toda a África.

Agostinho foi um grande homem, estudioso das Escrituras Sagradas, fez profundas contribuições ao cristianismo, muitos conceitos que as igrejas hoje utilizam, são frutos do seu empenho, dedicação e perseverança no bem, um homem que entendeu como poucos as verdades eternas.

Santo Agostinho defendeu o antigo testamento como preparação para o novo, defendia que a criação do homem é uma obra do bem e que o pecado é uma escolha do livre arbítrio que todo ser humano carrega dentro de si. Para ele, o princípio supremo do ser e da vida é Deus, é em Deus que se encontra toda a verdade, todo o saber e toda a felicidade.

### **1.3 Morte de Agostinho**

No dia 28 de agosto de 430 aos 76 anos faleceu Santo Agostinho, bispo de Hipona. Agostinho no seu leito de morte teria proferido essa frase: “Ó Senhor Jesus tu és a minha justiça e eu sou o teu pecado”. (SARAIVA, 2012)

Santo Agostinho foi a motivação não apenas para religiosos ou estudiosos, mas para toda a humanidade. Ele nos ensinou que quando nos determinamos através do amor somos capazes de transformar e de abandonar uma vida pecaminosa em busca da felicidade e essa

felicidade é alcançada através da verdade sobre o que de fato somos; e, que as responsabilidades sobre nós mesmos devem ser assumidas por inteiro, promovendo a transformação necessária a partir de si mesmo, bem como àqueles em sua volta.

A sua história fortalece em nós que Deus é experiência única na vida dos homens e que devemos nos valer dessa experiência não somente para o nosso próprio aperfeiçoamento material e espiritual, mas também em prol da perfeição dos seres humanos como um todo, pois não nascemos para viver isolados e sim para a convivência mútua. Sua história milenar continua nas academias, nas mentes e nos corações para os estudos das ciências, com isso é aprendido que a persistência é um dos fatores que move o homem à perfeição de suas ideias frente ao mundo.

Santo Agostinho deixou um legado de fé, esperança e amor que foge ao olhar limitado de muitos homens. Tais homens, por vezes, passam pela vida preocupados apenas com coisas materiais, esquecem que estamos nesta vida de passagem e que devemos deixar também o nosso legado de fé e amor a Deus. Eles esquecem que devemos mudar o que for preciso para obter a verdade sobre as coisas divinas, sabendo que, como Santo Agostinho, o viver lúcido está relacionado ao enfrentamento dos próprios medos que estão arraigados no interior humano, no coração, onde muitas vezes nenhum outro ser humano poderá habitar. Apenas Deus tem a força Superior de mudar os sentimentos mais perversos que o ser humano possui, no entanto, é a partir do próprio ser humano que esses sentimentos poderão se transformar em verdades eternas.

A história de Santo Agostinho nos ensina que, para vencermos os embates da vida humana, é preciso vencer primeiro o mundo atribulado cheio de mágoas e conflitos que existe dentro de nós mesmos. É preciso ampliar a nossa visão pequena sobre a vida em busca da felicidade que o homem tanto faz questão de ter, mas que ainda enfrenta a arrogância e incredulidade de suas próprias ações. Essa transformação, como aconteceu com Santo Agostinho, acontece de dentro para fora.

De acordo com as narrativas do autor, essa mudança tem que acontecer no íntimo das criaturas. Ele demonstrou que a fé em Deus se reconhece pela conduta acertada em uma vida dedicada ao bem, um bem que está acima de interesses pessoais, acima do egoísmo do ser humano. Em meio das lutas, aprendeu que grandes vitórias são feitas de grandes embates, particularmente quando essas vitórias visam o bem da humanidade e não somente aos interesses singulares, pois, vivemos num mundo plural.

Santo Agostinho foi a comprovação de que, havendo amor na alma do ser humano, toda mudança torna-se possível, ele foi a esperança de muita gente que vivia nas trevas da ignorância do conhecimento das verdades eternas, do que representa verdadeiramente o amor. Como podemos notar seu desprendimento das coisas materiais foi tão elevado que ele não teve medo de narrar sua própria história e que serve de exemplo ao mundo.

De acordo com a concepção de Santo Agostinho, Deus habita em nós e através dos seus ensinamentos podemos nos expressar. Ele sempre elevou a Deus o mérito de suas palavras. “Cristo ensina interiormente, o homem avisa exteriormente pelas palavras”. (AGOSTINHO, 1980, p. 188)

Suas lutas, desde a infância até a sua cristianização, refletem os conflitos pessoais que muitos de nós enfrentamos, dúvidas, questionamentos internos que fazemos a nós mesmos e ao serem expostos podem mudar o entendimento humano. Questionamentos como: se Deus é tão bondoso, amoroso, porque o mundo está tão cheio de maldade? Porque o mal existe? Esses e outros eram questionamentos feitos por Agostinho antes de sua conversão e que, na medida que ele se aproximou de todo o conhecimento das verdades divinas, a sua vida se transformou para sempre no bem.

#### **1.4 Principais Obras de Santo Agostinho**

*As Confissões* (396-397): é a principal obra, dividida em 13 livros. Trata das histórias da interioridade de Santo Agostinho, dos dilemas de seu coração e de suas retratações. É o genuíno sentido religioso do confessor, como aquele que louva a Deus pelos seus feitos. Não são um mero reconhecimento dos pecados, nem uma declaração, em muitas análises penetrantes da alma, em uma sensação comunicativa, a elevação do sentimento e a profundidade das visões filosóficas. Ao longo dos capítulos, Agostinho narra a sua adolescência e juventude, sua carreira acadêmica, sua estância no maniqueísmo, seu processo pessoal de intimidade com o cristianismo, sua conversão e suas impressões primordiais como católico. Nos livros finais, encontramos os temas filosóficos mais espinhosos, como o problema do tempo e da linguagem. (NAMU, 2016)

*A Cidade de Deus* (411-426): é a obra que exprime seus escritos sobre ética e política. Escrita durante o período em que Agostinho experimenta a queda de Roma, sob a autoridade de Alarico, mirando o desmembramento do império romano. Encontramos um sistema de classificação das sociedades, ao mesmo tempo em que apresenta as bases da filosofia medieval. Dois aspectos costuram esta obra, a saber: 1) a revelação cristã; e, 2) o saque sofrido pela cidade de Roma em 410 pelas tropas de Alarico. Nesse contexto histórico e religioso, Agostinho propôs dividir as organizações humanas segundo a “cidade de Deus” (*civitas Dei*), dirigida pelo princípio do amor e formada pelas pessoas cuja vontade busca a Deus e suas leis; do outro lado, a “cidade do mundo” (*civitas terrena*), identificada pela religião e regida pelo amor de si mesmo, composta por pessoas que se distanciam de Deus, seguindo as leis terrenas, do corpo, que impelem ao egoísmo, ao domínio e submissão e ao hedonismo, assemelhando-se à lei do Estado, temporal (civil e laica). No entanto, e esta é uma questão interessante de ser encarada nesta obra, vale a pena compreender em que medida fica sugerido existir uma teoria teocrática no pensamento de Agostinho, uma vez que a compreensão global implica dizer que ambas as cidades coexistem em qualquer sociedade, restando compreender como se dá a passagem de um domínio ao outro. (NAMU, 2016)

*De Magistro* (389): é a principal obra de caráter pedagógico, apresentando uma conversação de Agostinho com seu filho Adeodato, então com 16 anos, sobre o tema da linguagem. Mestre e discípulo, ambos em plena vitalidade intelectual e cheios de entusiasmo, realizam no diálogo uma espécie de competição dialética com admirável profundidade filosófica: ao longo das perguntas e respostas sobre o falar, o ensinar ou o aprender, é colocado em questão as pretensões da linguagem. No jogo entre palavra e signo, entre a temporalidade humana da comunicação pela fala e a eternidade do significado daquilo que ela almeja expressa, encontramos no *De Magistro* uma importante contribuição para os estudos da filosofia da linguagem, influenciando não só toda a filosofia medieval, como também a filosofia moderna. (NAMU, 2016)

*De Trinitate* (399-422): até os dias de hoje, trata-se de uma das principais obras que fundamenta a crença na Santíssima Trindade de Deus. Como um monumento, herda três aspectos substanciais e que embasam os fundamentos encontrados neste livro: 1) Ao buscar o problema da trindade, sobre como Agostinho herda o problema da eudaimonia da filosofia grega e o repensa à luz da perspectiva cristã; 2) Sobre como, na trindade, considera-se o



problema da singularidade da divindade – do Pai, Filho e Espírito Santo em regime de simultaneidade; 3) A terceira parte trata da vida de Agostinho no momento da composição do De Trinitate, revelando como os traços de sua biografia estão a par do desenvolvimento desta obra. (NAMU, 2016)

### **1.5 A vida de Hannah Arendt**

Hannah Arendt, nasceu em Linden, Hanôver, Alemanha em 14 de outubro de 1906 em uma família de Judeus secularizados, e faleceu em Nova Iorque, Estados Unidos na data de 04 de dezembro de 1975, aos 69 anos. Hannah Arendt, foi uma filósofa política Alemã de origem Judaica com forte influência no século XX. Recusava o título de “filósofa”, e não concordava com o termo “filósofa política”, lhe agradava mais que suas publicações tivesse a classificação de “teoria política”. O trabalho filosófico de Hannah Arendt abarca temas como a política, a autoridade, o totalitarismo, a educação, a condição laboral, a violência e a condição feminina. Os pais de Hannah Arendt, se mudaram para cidade de Königsberg, na Prússia, a cidade atual de Kaliningrado quando ela ainda tinha 03 anos de idade. Através de seus avós, conheceu o judaísmo reformista, movimento judaico-alemão que defendia a introdução de novos conceitos e ideias nas práticas judaicas, com o fim de adaptá-las ao momento atual. Destacava-se, neste movimento a tolerância, a autonomia individual, a flexibilidade nos modos comportamentais e uma maior igualdade de gênero.

Aos 14 anos, Arendt já havia estudado a Crítica da razão pura de Immanuel Kant e a Psicologia das concepções do mundo de Karl Jasper. Aos 17 anos, com personalidade forte é obrigada a abandonar a escola por ser considerada indisciplinada. Sua vida toma novos ares, se muda para Berlim, onde teve aulas de teologia cristã e estudos sobre a obra de Soren Kierkegaard.

Aos 18 anos volta para cidade de Königsberg e tem aprovação no exame de maturidade, iniciando seus estudos na Universidade de Marburg, assistindo às aulas de filosofia de Martin Heidegger e de Nicolai Hartmann e as de teologia protestante de Rudolf Bultmann. Após um ano de estudos com Heidegger, suspeita-se de que houvera entre Arendt e ele uma vida amorosa, vivendo uma vida desconfortável pela situação de seu amante e professor já ter

constituído uma família. Pressionada, decidiu interromper seus estudos em Marburg e ingressar na Universidade Albert Ludwing de Freiburg, estudando sob a orientação de Edmund Husserl.

Arendt, se formou em filosofia na Universidade de Heidelberg em 1928. Karl Jasper foi seu orientador na tese “O conceito de amor em Santo Agostinho”. Ensaio de uma interpretação filosófica, editado na Berlim de 1929, sua tese foi seu primeiro livro. Nele, Arendt une elementos da filosofia de Martin Heidegger com os de Karl Jasper, salientando a importância do nascimento, tanto para o ser como para o seu próximo, distanciando de Heidegger que entende a vida como um caminhar para morte. A obra de Arendt, foi alvo de muitas críticas pelo fato de considerar Santo Agostinho como filósofo e não como padre ou sacerdote, além do fato de não citar a literatura teológica recente.

No mesmo ano da edição do seu primeiro livro, Arendt passa a viver com Gunther Stern, que conheceu em Marburg, algo que foi mal visto pela sociedade conservadora da época. No mesmo ano formalizam o casamento que durou até 1937, isto é, apenas oito anos. De Heidelberg, Arendt e Stern se mudaram para Frankfurt. Arendt escrevia para o jornal *Frankfurter Zeitung* e participava de seminários de Paul Tillich e Karl Mannheim, de cujo livro *Ideologia e Utopia* elaborou uma resenha crítica. Arendt, estudava também a intelectual judia convertida ao cristianismo Rahel Varnhagen. O casal ao terem certeza de que a tese de Stern não seria aceita por Theodor Adorno, voltaram para Berlim.

Iniciou a tese sobre a obra de Rahel Varnhagen, após avaliação positiva de Karl Jasper, que também conseguiu outras de Martin Heidegger e de Martin Dibelius, obteve uma bolsa de estudos na *Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft* (Associação de ajuda para a ciência alemã), antecessora da *Deutsche Forschungsgemeinschaft*. Seu interesse por questões políticas foi aumentando. Passou a estudar Marx, Trotsky e estabeleceu contatos na *Hochschule für Politik* (Escola superior de política). Realizou análise da exclusão social dos judeus, apesar da assimilação, com base no conceito de “pária”<sup>2</sup>, empregado pela primeira vez por Max Weber se referindo aos judeus. Ao termo “pária”, excluídos da sociedade, ela opôs um outro, “arrivista”<sup>3</sup>, triunfo, inspirada nos escritos de Bernard Lazare.

Em 1932, publicou na revista *Geschichte der Juden in Deutschland (História dos judeus na Alemanha)* o artigo “Aufklärung und Judenfrage” (“O Iluminismo e a questão

---

<sup>2</sup> Pária: nome que designa os indivíduos que não pertencem a casta alguma na sociedade tradicional Hindu. Também são conhecidos como os “intocáveis”.

<sup>3</sup> Arrivista: o indivíduo determinado a triunfar a qualquer preço, mesmo em prejuízo de outrem.

judaica"), no qual expõe suas ideias sobre a independência do judaísmo, contrapondo-as com as dos iluministas Gotthold Ephraim Lessing e Moses Mendelssohn e o precursor do romantismo, Johann Gottfried Herder.

Escreve também em 1932, uma crítica do livro *Das Frauenproblem in der Gegenwart* (*O problema da mulher na atualidade*) de Alice Ruhle-Gertel, no qual discute a respeito da emancipação da mulher na vida pública e suas limitações, sobretudo no casamento e na vida profissional, verifica o desprezo que sofre a mulher na sociedade e critica os deveres que não são compatíveis com sua independência. Em 1932, Arendt já pensava na emigração, mas inicialmente ficou na Alemanha quando seu marido emigrou para Paris. Em março de 1933 começou sua atividade política. Em julho de 1933, ela foi detida durante oito dias pela Gestapo. Por ser judia, foi proibida de defender sua segunda tese sobre Rahel Varnahagen, que lhe daria o acesso à docência nas Universidades alemãs. O seu crescente envolvimento com o sionismo, movimento político e filosófico que defende o direito à autodeterminação do judaísmo e à existência de um Estado nacional judaico, o que a conduziria, seguramente, à prisão. O regime nazista retirou-lhe a nacionalidade em 1937, o que a tornou apátrida. Em 1941, com a ajuda do jornalista americano Varian Fry, conseguiu escapar e partiu para os Estados Unidos. Em 1951, conseguiu a nacionalidade norte-americana. Trabalhou, entre outras atividades, como jornalista e professora universitária e publicou obras importantes sobre filosofia política. Quando deixou a Alemanha, passou por Praga e Genebra antes de chegar a Paris, onde trabalhou nos seis anos seguintes com crianças judias expatriadas e tornou-se amiga do crítico literário e filósofo Walter Benjamin. Quando a França foi ocupada pelos alemães, Arendt foi presa juntamente com seu segundo marido, o filósofo Heinrich Blücher, e ficou internada no campo de concentração de Gurs. Após a guerra, Arendt regressou à Alemanha ao reencontro do seu antigo professor Martin Heidegger, afastado do ensino, por conta da simpatia pelo nazismo. Envolveu-se pessoalmente, na reabilitação do filósofo alemão, o que lhe rendeu duras críticas das associações judaicas americanas. O relacionamento de ambos, inclusive durante o exílio nos Estados Unidos, seria publicado um livro marcante, *Lettres et autres documents, 1925-1975*, Hannah Arendt, Martin Heidegger, com edição alemã e tradução francesa da responsabilidade das éditions Gallimard.

Hannah Arendt é contratada em 1963 a 1967 como professora da Universidade de Chicago, depois se muda para Nova York até ano de seu falecimento em 1975.

## 2. CAPÍTULO I

### 2.1 A estrutura do desejo

“Ter Amor é ter vontade de uma coisa a que se liga a ela e faz parte do mesmo estado, o amor é desejo”. (ARENDDT, 1997, p. 17). O ser autônomo é quem decide o seu próprio destino. O desejo o vincula a fios invisíveis que pertencem a eternidade e se integram a eles por laços a esse mundo, aos quais se vive os desejos e ao mundo de origem do ser enquanto verdadeiro, permanente e determinante de que é conhecido.

A origem determinada, “a coisa (res) conhecida é um bem (bonum), pois a ela se aspira por ela própria (propter se ipsam)”. (ARENDDT, 1997, p. 17). O poder de escolha da origem conhecida entre os conceitos de bem e o que é prejudicial ao ser de si que, pelo amor como desejo, busca na eternidade para o mundo dos viventes essa vida determinante. Essa força contra si mesma da origem conhecida é o essencial para o amor que independe do relacionamento que ele tem com os outros objetos, essa é uma particularidade desse bem que o deixa isolado, o caráter específico deste bem de não ser possuído é pelo fato de pertencer a eternidade, fato de que quando possuído é o fim do desejo que se dirige para um mundo desconhecido, que é a causa do temor e insegurança do homem. Com a vontade, o amor como desejo ao que encaminha o “si mesmo”<sup>4</sup> sem os temores das incertezas de que o ser é eterno enquanto criado e governado pelo Criador, este enquanto consciente de que com boa vontade, firme no bem é o desejo do Bem Supremo, “o amor como desejo”<sup>5</sup> possibilita ao homem possuir o objeto desejado, não sendo somente objetos casuais, mas também um bem que está

---

<sup>4</sup> “Si mesmo” é o termo usado por Santo Agostinho ao se referir ao homem.

<sup>5</sup> “Amor como desejo” é a definição de Agostinho sobre o amor.

sincronizado ao movimento temporal presente de conquistas e perdas do mundo, “o querer ser feliz” do homem. (ARENDDT, 1997, p. 18)

No movimento temporal, o desejo aspira o bem não apenas para o presente, visto ser este ligado e fixado com relações históricas na descendência comum do gênero humano em que o homem conhece o bem e o mal do mundo num esforço constante para ter uma vida feliz. Assim sendo, é suscetível ao homem, através do amor ou desejo, principiar a “fruição”<sup>6</sup> do seu bem. Todo objeto desejado no mundo é passível de perda após ser conquistado, com isso há momentos de alegria que se transforma em medo e sofrimento por tentar, sem sucesso, manter-se no presente. Desejado ou não, todo bem material que o homem se apropria é criado e destruído. Inclusive o próprio corpo do qual o homem se reveste, fenômeno natural que a criatura tende a compreender como uma fatalidade, causa de tanto temor e inquietude, e como viver e engendrar a não perda da vida “feliz”. No mundo terrestre tais bens desejados que levam ao homem a felicidade são diferentes, o bem que é bom a alguém, pode ser um “mau” a outro, de modo que o conceito de vida feliz é distinto: o primeiro é não ter medo da vida enquanto tal, saber preparar-se para a morte ou vida eterna, a vida do amor como desejo; o segundo é a vida vivida com temor da própria vida que segue seu curso não de forma natural, é ser preso ao que se consome em curto espaço de tempo da vida humana, vida de decepções no tempo utilizado em futilidades passageiras e com temor da perda e da “morte”.

A felicidade do homem, conforme orienta Arendt (1997, p. 19), é “a vida que é eterna e feliz é a vida propriamente dita”. Ela deve ser vivida em sua origem verdadeira, a vida espiritual, onde não há morte do ser conforme suas ações de acordo com as normas da divindade, ele é despreendido do peso dos desejos materiais e do corpo físico, não necessita mais dos bens oriundo desse desejo.

O tempo para o homem que vive no mundo é determinado por temores e ocorrências precisas que ele deseja. Há casos que ele se encontra em situações desconfortáveis que imagina não suportar, mas são efeitos da causa oriunda dele próprio, do seu desejo, de modo que torna inevitável as consequências e, em outros casos, tal situação é evitada por uma percepção instintiva em que a vida é preservada de uma forma em que o próprio ser custa acreditar, de maneira que torna claro que a vida é além da vida e é sustentada por uma força superior.

---

<sup>6</sup> “Fruição” consiste no termo usado por Santo Agostinho de estar perto do que se ama, referindo-se ao criador.

A atenção do ser na origem, no mundo invisível, na vida desprendida passa a se constituir de elementos pertencentes ao etéreo, fluido cósmico e puro, seguindo caminhos diferentes de outrora na vida terrestre. Esta é a vida feliz onde nada se perde e tudo o que se deve desejar é o bem desejando o amor verdadeiro.

Hannah Arendt diz que a única definição por Santo Agostinho sobre o amor é o amor que se compreende como desejo (*Appetitus*) e, portanto, o amor que ultrapassa as fronteiras observadas pelos olhos e pensamentos humanos. Trata de temáticas diversas e comuns em seus escritos. Dentre eles, aborda um assunto pouco discutido na sociedade: a questão da morte. Talvez a incompreensão ou o sentimento de perda que o homem tem de suas conquistas humanas sejam os motivos da ausência dessa discussão. Com base nos ensinamentos de Santo Agostinho, a autora judia apresenta a temível morte que acalma os corações libertando os seres de seus grilhões. Mais adiante apresenta-a em seu duplo sentido e diz ser a problemática em entender Santo Agostinho.

A morte, pondo fim a vida, põe através de si própria termo à inquietação da própria vida, e isto tanto na inquietação da beatitude terrestre e passageira como na vida após a morte. Onde não há a morte, e conseqüentemente futuro é possível viver sem a angustia do cuidado (*sine angore curae*). (ARENDR, 1997, p. 19-20)

Arendt refere-se a morte como o fim das fadigas humanas que se estende na vida do espírito e na eternidade onde o tempo é um todo presente, segundo os ensinamentos de Jesus, no seu evangelho, “Meu Pai não cessa de trabalhar e eu também não”. (Jo 5.17).

Então, na vida após o terrível medo da morte não há tempo para descanso ou ociosidade, e nem é um eterno tocar de harpas, é trabalho constante, e o que não deve existir é o temor porque é Deus quem está no comando. Nessa passagem, Santo Agostinho assevera que todo conhecimento e inteligência que o homem adquiri na vida terrena, assim como os males cometidos por ele, contra ele próprio e contra os outros não passam despercebidos pela divindade na vida após a morte, ou na vida eterna, sendo o ser responsável pelas suas ações. Outra discussão que se arrasta a respeito da morte do homem no mundo terrestre, é o que acontece após a morte do corpo, se a alma desse homem sofre uma segunda morte pondo fim de vez na sua existência por negligência e fraqueza de domínio próprio pelos vícios adquiridos na vida do mundo terreno, o espírito volta ao passado de erros e acarreta para si a punição com a morte eterna. Essa situação, segundo Paulo Apostolo, é o tributo do pecado. Santo Agostinho

diz que é a segunda morte, que pode se tornar a morte eterna. Com a volta do pecador ao passado pecaminoso, a alma, mesmo com a estadia no mundo espiritual, continua errante. Mas esse assunto será tratado mais adiante no capítulo II.

Na vida após a morte tem-se também o cuidado com as angústias e o medo da morte diferente da vida mundana. Nela, a vida mundana é considerada a primeira, tendo a oportunidade pela divindade a uma nova vida na qual deve ser vivida de acordo com as leis eternas para não pôr fim a segunda morte, na vida espiritual. A partir do texto acima, temos outras discussões no qual não será tratado aqui, como por exemplo, a existência da vida após a vida.

O desprezo pelos desejos carnis e materiais é a consciência de que não há morte e nem futuro, no entanto o tempo presente é, e possibilita a vida sem aflições e inquietações do espírito, para tanto o que deve morrer é o medo, ou não ter na própria vida. Porém essa é a fé que se realiza ante a morte, onde nada se perde, e que governa a confiança, e a ausência do medo na busca do amor. “O amor enquanto desejo é determinado pelo objeto a que aspira. Este objeto é ser livre do medo”. (ARENDR, 1997, p.20). É ter falta de temor (metu carere).

O bem que conduz o homem à felicidade é essencialmente definido a partir de dois elementos distintos: um é o bem que aspira o desejo a qualquer coisa de útil que se encontra no mundo em que ele espera possuir; o outro indica, com precisão, que o bem é retirado do medo da morte, do temor que a vida tem do seu reduzir-se a nada. “Todos os outros acasos da vida que o homem não domina são remetidos ao poder (potestas) que não se tem sobre a própria vida”. (ARENDR, 1997, p.20)

A problemática da morte é quem conduz Santo Agostinho ao cristianismo, sua dedicação aos estudos das epístolas de Paulo Apostolo o tornou um cristão fervoroso. O medo da morte foi determinante na sua conversão. Esse medo o fez corrigir todas as suas opiniões e ele afirma que nada além disso o teria causado o abandono das coisas que pertencem ao mundo material:

Que és, portanto, ó meu Deus? Que és, repito, senão o Senhor Deus? Ó Deus, sumo, excelente, poderosíssimo, onipotentíssimo, misericordiosíssimo e justíssimo. Tão oculto e tão presente, formosíssimo e fortíssimo, estável e incompreensível; imutável, mudando todas as coisas; nunca novo e nunca velho; renovador de todas as coisas, conduzindo à ruína os soberbos sem que eles o saibam; sempre agindo e sempre repouso; sempre sustentando, enchendo e protegendo; sempre criando, nutrindo e aperfeiçoando, sempre

buscando, ainda que nada te falte. [...] Mas, dize-me, Senhor, tu que sempre vives, e em quem nada falece – porque existias antes do começo dos séculos, e antes de tudo o que há de anterior, e és Deus e Senhor de todas as coisas; e esses encontram em ti as causas de tudo o que é instável, e em ti permanecem os princípios imutáveis de tudo o que se transforma, e vivem as razões eternas de tudo o que é transitório. (AGOSTINHO, 2007, p.3-4)

## 2.2 A morte como imperfeição e sua dupla interpretação

Todavia a morte tem dupla interpretação dos sentidos conforme observa Arendt: uma indica que a vida não ordena por si mesma, não tem controle pelo ser humano e a cada instante vivido se define ao “nada” ou segue-se em direção ao fenômeno da morte, onde tudo é consumido, o bem e o mal, a vida é tida como mortal, falta-lhe esse poder de conservação; a outra é o mal último que sobrecarrega a vida, o “prejuízo absoluto”, a morte é uma “imperfeição extrema” na medida em que a vida é entendida como eterna e segue-se após a morte ou, apenas, não é vista pelos olhos humanos, os constantes e diversos desafios que exige disciplina e perseverança no bem e no amor. (ARENDR, 1997, p. 20)

Arendt diz ser contraditório com a definição de amor como desejo, caso a vida seja entendida como mortal, onde tudo acaba, visto que o desejo enquanto aspiração visa algo de acessível mesmo sem conceber, por pertencer ao que é eterno. “Caso a morte é vista como imperfeição extrema o objeto da argumentação é preservada, o amor como desejo”. (ARENDR, 1997, p. 21).

No mundo o bem e o mal estão lado a lado durante o tempo da vida do homem, o mal tido como “extrema imperfeição” se institui exteriormente e visa a vida falível, o bem é visado pelo amor e encontra-se fora desse visar devido ao seu sentido próprio, essa proximidade do bem ou do mal que se dirige de modo constante na vida, é a morte. O tempo presente definido por este confronto, é de fato um contínuo por enquanto não, ou “não agora”<sup>7</sup>. O possuir algo, o ter posse tem o domínio do medo da perda, assim como o não possuir algo é dominado pelo desejo de ter, de modo que o futuro é esperado e determinado pelo desejo e pelo medo no presente. Toda conquista do desejo a um determinado bem e até mesmo o mal por mais

---

<sup>7</sup> “Não agora” é uma expressão que Santo Agostinho utiliza em suas orações em momentos de indecisão na sua vida.



expressivo que possa parecer é transitório, passageiro e ilusório, o homem que sofre desde o início com o medo da perda e com a ameaça da morte que é infalível, evidenciando no presente da vida o temor permanente desse “não agora”. O movimento só pode ser ameaçador para o tempo presente, de outra forma só um tempo presente sem transformação, eterno, “é que não é mutável” e de modo completo longe do perigo da morte. “É num presente seguro desse onde a posse é a própria vida que se vive tranquila”. (ARENDDT, 1997, p.21). Esse presente sem mudanças não tem relação com bens, ele próprio é o bem absoluto, de forma que ele é a eternidade, e que deve ser preservado, mesmo contra a vontade.

### **2.3 O bem absoluto, a eternidade**

O amor firmado nos bens do mundo material parece ser uma segurança de que se dispõe, e não é mais que uma mera ilusão, visto que é firmado ao que é mortal e perecível. Esse desapontamento inverte o destino do amor, que é impelido a ter amor com firmeza, frente ao medo, que ocorre no perfeito silêncio em que nada o pode abalar. O bem entendido como sinônimo de amor é definido como desejo que para a morte não tem sentido, é projetado para fora tendo início após a morte ou ao abandono dos objetos pertencente ao mundo, é o presente constituindo o “futuro absoluto”, a eternidade, toda a sua expectativa, não pode ser perdida. Assim, “o bem conserva a sua negatividade e não tem conteúdo” (ARENDDT, 1997, p.20), entrar no silêncio do espírito na constituição da falta de temor é que deve ser buscado. Diante desse nada, “negatividade e ausência de conteúdo” (ARENDDT, 1997, p. 22), o desejo não tem sentido para uma vida relativamente à essência, a partir da morte que põe um fim definitivo no objeto do desejo, ninguém é capaz de ordenar esse fim natural.

Arendt diz que definindo o conceito de bem dessa forma, a partir da eternidade, o mundo e a temporalidade são desvalorizados e considerados sob um ponto de vista não absoluto. O bem aqui é compreendido como um derivado do amor, definido por Santo Agostinho como desejo. “O amor visa um bem que devido ao próprio sentido que faz este bem, se encontra fora deste visar”. (ARENDDT, 1997, p.23)

Todos os bens, objetos do desejo deste mundo passam, não são confiáveis, a própria vida também passa, é inevitável para morte, quem é capaz de deter, em certos casos, o definhamento da vida que a cada dia se perde. A ação da morte sobre a vida em direção ao “nada” é implacável. “Só aquilo que é presente existe realmente”. (ARENDDT, 1997, p. 23). Dessa forma,

a vida no mundo só tem existência enquanto a morte não põe a ela um fim, e só há vida verdadeiramente no tempo presente que é a eternidade, o passado e o futuro não são, eles são um vazio. O amor tem por determinado fim o bem, esse bem encontra-se fora do olhar do amor, ainda que todo o desejo para vida só o seja pelo amor da vida, que vem do exterior “é a vida que se deve aspirar. A vida torna-se ela própria o bem ao qual se aspira”. (ARENDR, 1997, p.23)

A vida eterna e verdadeira é um bem, igualmente ao ser que também é idêntico e eterno, e sendo-o, pois, permanente, o bem é lançado na eternidade, no “futuro absoluto” e iguala-se ao que é excelente. Arendt diz que é um engano nomear Deus como amor e indispensável para estar de posse dele simbolizando a identidade do ser e do viver e, ao mesmo tempo, a razão que se aspira ou deseja. Por consequência, a vida é um objeto do seu desejo, como definido por Santo Agostinho, uma criação que se consome com a morte, apaga-se no mundo por não ser eterna, tem seu conteúdo objetivo por pertencer a princípios mundano, sendo fora da eternidade e não pertencendo ao ser eterno. A vida é uma criatura que só tem no mundo terrestre, se fixa ao que não muda, que é o ser eterno para obter o estado de permanência. “É a eternidade, o objeto do desejo, que a harmoniza” (ARENDR, 1997, p.23). A vida não deseja a eternidade, ela apenas se fixa no ser eterno da eternidade. Para Arendt, Santo Agostinho afirma que a vida, advém de um bem que está no mundo, motivo por desejar os bens que permanecem no mundo. A causa, o ser é eterno, assim como o tempo o é permanente. A vida que é do mundo se consome com o passar do tempo terrestre em direção a morte, ela não se ordena por si própria, não é um presente, sempre é um “não agora” do presente e constitui o que permanece para temer ou “não mais” o fim com a morte. “É verdade que, enquanto obra de Deus, todos os bens mundanos são bons”. (ARENDR, 1997, p. 24). A vida toma posse dos homens que são considerados mundanos. Os “bens mundanos” roubam-lhes o destino em seu benefício, convertendo-os em simples objetos transitórios ou mudam, em “mutabilia”. O que é ligado ao amor do mundo são os bens que mudam no mundo, o amor direciona-se para um “falso objeto” que engana a sua vontade empurrando-a a morte. O suposto amor que se encerra ao mundo constituído como mundano, é denominado por Santo Agostinho como cobiça (cupiditas). O amor justo que contem nele objeto justo (amatum) que deseja o “futuro absoluto” ou eternidade é a caridade (caritas). (ARENDR, 1997, p. 24)

#### **2.4 Caridade e cobiça – O bem da vida**

O amor definido como desejo constroem-se os dois conceitos, a cobiça ou o falso amor e a caridade ou eternidade absoluta, conceitos extremados a falta de virtude. A cobiça é um desejo do que é mundano, dos princípios que pertence ao mundo que é corruptível. A caridade, sinônimo de amor em sua expressão mais elevada tem por princípios na eternidade, o que é permanente. O homem como criatura mais expressiva do criador se apega desde a mais tenra idade as coisas que pertencem ao mundo, sendo, pois, tarefa difícil de encontrar o equilíbrio de viver no mundo enquanto tal e desejar os princípios do qual se dizem fazer parte, a eternidade. O amor é o elo que liga o homem ao seu objeto de amor e o que diferencia a cobiça e caridade é esse objeto do qual cada um se ama. No entanto se o homem vive esquecido no mundo, através do amor ele encontra a saída, o isolamento, de forma que a cobiça pode fazer dele ambicioso pelas coisas do mundo, a caridade faz dele um homem que vive para eternidade, num “futuro absoluto”.

O homem pela interiorização se mantêm no que se deseja, a vida verdadeira é estar próximo e satisfeito com o objeto desejado, a “fruição” está acima, o estar junto o mantêm em harmonia com a vida, Arendt diz que Santo Agostinho atribui o nome isolamento de estar junto a Deus, que na vida terrestre o homem unido a Deus não é abandonado. A cobiça visa o que está no mundo e não faz parte do ser, ela quer ser o próprio mundo. O ser entorpecido pela cobiça faz de si o que pertence ao mundo, o ter objetos que se desfaz no mundo, o ser faz de si mesmo escravo da cobiça. “O fato de cobiçar mostra bem que na origem, a cobiça não é isso”. (ARENDR, 1997, p. 26). A vida vive por si mesma e pelo seu bem próprio e não tem domínio por si mesma, desaparece no mundo, não tem permanência, é considerada objetiva e torna ela própria o bem que é projetado para fora, o estar junto da vida busca ao bem e a si mesma. A cobiça visa o que é exterior, o bem lhe é exterior, portanto falta-lhe o bem, a cobiça está sob domínio do que é desejado, não tem poder sobre ele. A vida, desejando objetos que não lhes são próprios depende deles, e os pode perder quando adquiridos, não é, pois, autônoma sobre esses objetos, ela deseja encontrar o isolamento e o buscar através do amor, para isso deve passar pela caridade e a cobiça. A autossuficiência que lhe é ausente nesta busca defronta e encerra o que está de fora com o desejo de necessidade das coisa do mundo, logo surge constantemente “este par de opostos: cobiça (ou libido) e livre arbítrio” (ARENDR, 1997, p. 27) tendo sua definição a partir da auto suficiência, adquire o objeto do desejo a ponto de se tornar seu dependente, o de fora sofre a supressão, indicando o “fora de mim” que manifesta

no medo, estar sujeito a própria vida, “é o fundamento existencial do ideal de auto suficiência.” (ARENDDT, 1997, p. 27). Arendt diz que o que é preciso amar, independente do movimento temporal, é a ausência de medo que dá conhecer a autossuficiência, o verdadeiro é a necessidade e não a falta dela. A cobiça é má, ou seja, não é livre porque é dependente das coisas que não estão em seu poder, o apetecer do mundo faz o mundo e com isso o torna mal e o mundo não é mau por ser amado, assim o desejo converte a si em cobiça pela orientação do mundo, é o mundo enquanto mundo que o escraviza.

Na vida é preciso ir além das vontades do mundo, de pertencer ao que domina o mundo, as coisas do mundo. O que está firmado na cobiça tem por domínio o medo, o desejo ardente ao objeto, antes mesmo de adquiri-lo, faz com que o medo entre em ação pelo motivo da perda da posse desse objeto que no mundo torna incontrolável. O ir além só é possível adquirir pela caridade, o amor que não se prende ao mundo e aos seus objetos, pela caridade é possível ser livre visto que ela não se liga ao medo, por ela o si é desprendido das coisas mundana. Vivendo na cobiça o ser humano se integra ao que é do mundo, une-se ao mundo e faz dele o próprio mundo. Arendt descreve a expressão usada por Santo Agostinho ao ser mundo, a dispersão (dispersio), uma dependência ao homem de coisas da qual ele não é como origem, o desejo cria essa dependência no homem pela multiplicidades de objetos desejados “a fuga de si” uma vida em constante ilusão de permanência, a concupiscência pelos olhos do homem ao que ele não possui se exprime pelos hábitos, engana-se a si próprio com um saber inútil, cria uma independência pelas futilidades do mundo, vive a vida isolada “de si próprio” (ase), que foge de “si mesmo”. Hannah Arendt diz que na “fuga de si” Santo Agostinho opõe “o procurar a si mesmo”. Neste retorno a si ele encontra Deus. O homem deve aprender a “conhecer a si mesmo”, procurando Ele fora, nos objetos do mundo, não o encontra interiorizado em seu coração que só é possível pela caridade, Deus está dentro de si enquanto o homem procura-o fora, o regresso, a procura do si, a interiorização do ser em si liga-o ao seu ser de origem, o Criador passa a conduzi-lo e a ajudá-lo, uma integração conjunto, em que o si encontra a si mesmo e conseqüentemente o Criador de todas as coisas que é Deus. (ARENDDT, 1997, p. 28-9)

## 2.5 Fruição e eternidade

Quando o homem se integra e ama Deus no seu íntimo, ele o, busca na eternidade e passa a amá-lo a si mesmo no seu interior. “Eis aquilo que amo quando amo meu Deus”. (ARENDR, 1997, p. 29). Santo Agostinho diz que, através da ligação do amor a Deus que é eterno, o homem encontra a si e passa a permanecer eterno como Deus, sendo, pois, esse o objeto do amor e de quem ama, “quando amo o meu Deus, é a luz, a voz, o odor [...] do meu ser interior que eu amo”. (ARENDR, 1997, p. 29). O amor passa a pertencer ao si do homem em seu interior, e o amor de Deus o conduz a permanência na eternidade. O homem ama Deus em sua eternidade e não somente como sendo sua criatura e tem consciência de que não há outra forma de viver sem essa integração a esse Deus. A eternidade que é permanente para Deus, para o homem é o interno. Segundo Arendt, o homem na “fruição” da eternidade do si mesmo encontra Deus em sua interiorização, o homem encontra também o que lhe falta pelo justo bem do amor, a eternidade. O homem em si mesmo encontra Deus e se interioriza com o que é de Deus em sua vida, seja na cidade terrestre enquanto uma vida transitória ou na outra vida, a espiritual, sendo, pois, a mesma para o ser em si mesmo e eterno. “Encontrando Deus, o homem encontra o que lhe falta, aquilo que precisamente ele não é, eterno”. (ARENDR, 1997, p. 30). O homem encontrou Deus, encontrou a si mesmo como ser eterno como Deus é eterno, de forma que esse si sendo criatura de Deus e sua criação máxima só tem que ser também eterno, não no mundo terrestre.

Deus é suprema bondade, ou seja, Deus é amor. Como dito acima, amando Deus o homem encontra a si mesmo e ama a si mesmo. Nessa “fruição” da eternidade ele torna-se um ser em si e permanente. Para Arendt, o homem em si não é eterno, ele caminha ao encontro de si mesmo para eternidade. Ter amor é exatamente desejar-se, não ao homem que vive numa vida em que é dominado pelos objetos do mundo, mas aquele que vive em si amando a si e amando Deus constantemente. Nessa relação permanente com Deus, nesse movimento absoluto é que o si do homem encontra essa permanência.

O amor do homem que “vive longe de si próprio”, que afasta de si mesmo, que sobrevive na terra com os objetos que são criados no mundo e que desaparecerão no mundo, para Arendt, esse amor transforma-se em ódio de “si mesmo” pelo constante perigo de perder-se, por pertencer ao mundo em que a vida do homem é determinada pela morte, fato de que “o bem da vida não pode ser aí encontrada”. (ARENDR, 1997, p. 30). Esse bem é exteriorizado para eternidade ou ao “futuro absoluto”, é aspirado como uma ocorrência vindoura e, por isso, relacionada com o desejo que converte num bem que vem de fora do mundo. No entanto, a vida, propriamente dita vida feliz, converte-se num bem vindouro do mundo externo, do de

fora, e a vida do homem não tem valor frente a essa verdadeira vida exteriorizada. Para o mundo, no movimento absoluto ou eterno, essa vida eterna segue sem cessar a vida terrestre do homem em seu devir.

## **2.6 Passagem do esquecimento**

Estar de posse com o Bem Supremo não é mais que a aspiração do porvir, o presente real e efetivo, a eternidade do hoje, a transformação na vida presente do homem ocorre com o esquecimento de si mesmo enquanto vida mundana que faz do desejo sua fortaleza, “o esquecimento de si próprio próximo do mundo é dispersão” (ARENDDT, 1997, p. 31), somente após o homem dominar-se do desejo do “ser mundo” é que ele põe-se a procura de si mesmo e é nessa passagem do esquecimento do fim existencial que ele encontra-se com Deus. “Aquele que deseja já só existe no desejo. Aquele que ama na caridade já só está na eternidade futura”. (ARENDDT, 1997, p. 32). O homem no esquecimento de si próprio, na sua existência de tal modo só vive para Deus, deixa de ser o si individual. O homem deixa de ser ele próprio, o ser particular, mundano e caminha rumo ao criador para o “futuro absoluto”, o ser passa para além de si.

Com base no pensamento de Santo Agostinho, Arendt (1997, p. 32) diz que “Ninguém O alcança, sem se ultrapassar a si mesmo”. Essa superioridade consiste em ultrapassar o que não é efetivo. Desprezando o movimento temporal, o homem não terá lembrança de que é mortal, esquecendo de si próprio para a eternidade. A passagem do esquecimento é isso, o esquecimento de si próprio para a eternidade, “a passagem de si para o que está fora de si”. (ARENDDT, 1997, p. 32). A autora diz que, de modo estrutural, essa passagem é essencial desde que o amor seja concebido como desejo. Segundo Arendt (1997, p. 33), Santo Agostinho diz que “a alma esqueceu-se ela própria, mais amando o mundo; que ela se esqueça, mas amando aquele que criou o mundo”. A ultrapassagem é do presente humano para o futuro absoluto. Um abandono ao que pertence a transitoriedade, o que é considerado uma perda para o homem o que não pode ser consumado, ultrapassagem do presente humano para o futuro absoluto.

## **2.7 Reversão do amor a si**

O regresso do amor a si do homem é uma renúncia total a si por ele estar junto ao criador de todos os bens do mundo. A ultrapassagem do si no esquecimento só pode ser inteligível a partir do “amor como desejo” frente ao bem próprio do homem com relação ao desejo que, por princípio, encontra-se fora da vida terrestre. O homem com sua vida integrada na caridade e seguindo o caminho que deseja que é a eternidade permanece isolado ao que é eterno, sendo, pois, uma busca permanente até ao ponto de ser um com Deus. (ARENDDT, 1997, p. 33).

Segundo Arendt a caridade liga o homem a Deus, do mesmo modo, a cobiça liga o homem ao mundo. Para ela é apenas uma ligação. Que a cobiça liga o homem ao mundo é um fato. A caridade, o amor, a renúncia pelos desejos do homem aos objetos mundanos os ligam a Deus, no entanto, pode ser um princípio de salvação. “Assim todo desejo é determinado pelo seu objeto e está a ele submetido”. (ARENDDT, 1997, p. 33). Dessa forma, o ser em si próprio no regresso do amor a Deus é a ele e vive para ele sendo submisso. O homem que vive para os objetos do mundo é submisso a cobiça. Arendt (1997, p. 33-4) argumenta que a submissão ao objeto desejado indica que o caminho para si mesmo volta ao passado da “autarquia Grega”. Já a tranquilidade de espírito transforma essa submissão numa renúncia a si “pseudocristã”, pois essa renúncia é a última consequência que ultrapassa a si mesmo quanto ao amor, o desejo, na busca do seu próprio bem. O ser humano não se constitui por si próprio um bem, não é autossuficiente para viver uma vida plena e feliz e nesta busca o bem direciona-o ao esquecimento de si próprio. “No abandono de Deus, o homem é empurrado para fora de si (extra se) e perde-se aí”. (ARENDDT, 1997, p. 34). A distinção do amor justo ou mau é uma renúncia pelo amor de Deus em sua eternidade e não uma renúncia absoluta ao si. Segundo Arendt (1997, p.34) “abstém-te de amar nesta vida, para não perderes a vida eterna [...]. Se ocasionalmente amaste mal, então odiaste; se odiaste com conhecimento de causa, então amaste”. E continua, o amor não é contraditório, o amor de Deus e do homem andam lado a lado, no amor de Deus o ser ama a si próprio, ao homem que deseja o amor de Deus que pertence a Deus e por consequência esse amor a Deus se estende a si mesmo que enquanto eterno.

## **2.8 Amor de Santo Agostinho e o Amor de Paulo Apóstolo**



Para Santo Agostinho o amor na fruição, no silêncio, na paz de espírito de estar perto do que se ama, na eternidade, encontra a sua própria realização, não de forma definitiva, pois o amor, tem o seu fim. No silêncio absoluto da vida eterna a ligação com Deus é “tranquila fruição”. Para Santo Agostinho, Deus existe verdadeiramente para os homens nessa “fruição”. No “estar perto de” o amor deixa de ter sua função e tem o seu fim, pois torna-se efetivo. “Todo o amor é tensão dirigida para essa realização”. (ARENDR, 1997, p. 35). A felicidade se realiza em estar próximo do que se ama e deseja de forma tranquila e não simplesmente em amar. Encontrando a “fruição”, ela aí permanece. A procura deixa de ter sua importância e é levada ao seu fim, o que é desejado por ele mesmo próximo dele faz com a procura se apague. Arendt (1997, p. 36) afirma que “fruir com efeito, consiste em ligar-se ao amor de uma coisa por esta mesma coisa”.

Arendt diz que o amor existe apenas para a “fruição” do bem, após essa realização específica deixa de ser enquanto tal, cumpriu o seu papel. O amor pertence a eternidade e tem essa função na vida do ser humano de forma que ele é submisso ao mundo. Porém, o seu fim não é definitivo, visto que o fenômeno da morte faz com que ele perca esse mundo. Na vida do homem pelo desejo busca um bem, seu objeto de busca desse bem é o amor. O amor é o bem que liga uma coisa por ela mesma. O amor existe apenas com o fim fruição do bem, perto do qual tem o seu fim. Para Paulo Apóstolo, o amor, a caridade é o único modo de proceder corretamente, contrário do ver, que “torna-se fruição” estar perto do que se ama. Com isso, na vida terrestre o “vínculo da perfeição” pretende que o amor não seja desejo, sendo, pois, expressão de pertencer a Deus, a caridade como sinônimo de amor, sendo eternidade e sendo o próprio Deus que também é amor, e o ser só pode ser verdadeiramente ultrapassado no seu ser mundo nesse amor que tem um fim nele próprio. (ARENDR, 1997, p. 35). O amor, a caridade, a renúncia real que se realiza é a consciência do pecado, consciência, da vida no erro e pelo arrependimento o ser é perdoado. Nesse caso a renúncia a si, o esquecimento de si para o que está fora de si, é oposto. Para Paulo Apóstolo o amor tem um sentido capital, pelo amor é possível o vínculo da perfeição pelo ser, já mundo em que se vive.

## **2.9 Passagem do esquecimento, a explicação da fruição**



O bem da vida é “projetado para fora” na eternidade, no “futuro absoluto” desejado. O que “há de vir” relacionado com o desejo transforma-se num bem que “vem de fora”, que tem existência estabelecida desde o princípio do mundo, e tudo o mais que foi criado nele em prol dos seres que o compõem por tempo determinado. Este bem da vida não pode ser encontrado no mundo terrestre pelo fato de ser mutável, transitório. A caridade assim como todo o amor é um desejo que distingue o objeto desejado da cobiça do “ser mundo”. (ARENDDT, 1997, p. 30-1). A vida humana, cuja felicidade transcende a temporalidade do mundo terrestre anula o que é mortal e passa o, ser de si para a eternidade, no esquecimento, nessa passagem de si para o que está “fora de si” o espírito, a força anula a própria vida como ser do mundo terrestre e ama o seu criador, de modo que o ser é ultrapassado. “Esta passagem é estruturalmente sempre necessária desde que o amor seja concebido como desejo”. (ARENDDT, 1997, p. 33). A passagem do esquecimento para “fora de si”, é uma força no “por amor de”, fim último que se justifica nos bens do mundo do qual o amor visa, este fim último “por amor de” se relaciona com o amor para o que “há de vir” e tem existência por intermédio do bem supremo, sem o qual nada é permanente, pois quando acaba o amor tudo se desfaz ou se transforma. O estar junto, “o isolamento absoluto do bem supremo”, se manifesta no “por amor dele próprio”, que de modo negativo exprime o “por amor de” e revela uma busca pela eternidade. (ARENDDT, 1997, p. 36-7). Essa é a explicação que é dada da fruição, a partir dessa definição negativa que se encontra “fora de todas as categorias humanas e terrestres”. (ARENDDT, 1997, p. 37). Essa força no espírito do “por amor de” é apenas para o si do ser e não para os demais seres como conjunto, a cada um se aplica de igual modo, a força de todo amor de si nesse fim último é para o si e não para os outros, cada ser tem sua busca. O si do ser ama o bem supremo por si mesmo e aos bens que o direciona ao bem supremo “a via da beatitude que é o amor vai do uso (útil) à fruição”. (ARENDDT, 1997, p. 36-7). Desse modo o amor é o caminho da felicidade, estar perto do que se ama ou pelo uso da “fruição”. Para Arendt (1997, p.37), Santo Agostino diz “aquilo de que devemos fruir faz-nos felizes. Aquilo que devemos usar ajuda-nos no nosso esforço para alcançar a beatitude”.

## **2.10 A caridade via para um fim último, “por amor de ti”**

A virtude é necessária ao mundo e o uso das coisas do mundo pelo homem para que ele seja posto em relação constante com as outras criaturas do mundo e com o seu criador. No modo justo do uso do mundo o homem adquire sua autonomia sobre o mundo no qual ele também é exposto a cobiça e sem o equilíbrio na vida determinada pelo Criador se torna um dependente dela. A caridade, o amor ligado ao estar perto do bem supremo se relaciona com o mundo enquanto ele serve o seu “por amor de”, o seu fim último. A caridade conduzida no “por amor de” se manifesta no uso justo do mundo, de modo a superar a necessidade do homem de pertencer e depender do mundo.

Sobre a caridade, para Arendt (1997, p. 37), Santo Agostinho diz que “não podia ser designada de forma mais justa do que pela expressão por amor de ti”. Ela é apenas a via para esse fim último, a vida determinada por ela tem um fim que se encontra por princípio na eternidade, além da própria caridade em si, de modo que tenha um sentido de ter se reencontrado e desprendida da mortalidade, mesmo não sendo um sentido absoluto a vida nessa eternidade. A caridade deseja o estar perto, a fruição, o eterno, “a verdadeira perfeição (perfectio) só se encontra no devir”. (ARENDR, 1997, p. 38). E desejando o eterno surge o medo, para encontrar a eternidade é necessário viver no mundo terrestre no justo uso para um bem futuro em que a vida tem um sentido e que a morte ou o medo é relativo, ele deixa de ter significado pondo um fim na morte, se livrar da morte é obter a liberdade, um ser em si livre da morte e da perda. A verdadeira vida é aquela que se vive no movimento para o de “fora de si” mesma a alcançar um bem que por princípios são encontrados fora do mundo terrestre, a vida reencontra o que vem do de fora e tem em si mesma o poder de vencer o medo e a morte que só tem poder ao que se vive para o mundo da matéria e que dele não faz o uso justo sendo submisso as coisas do mundo e fadado a cobiça. “O seu poder (potestas) na terra consiste em poder desejar”. (ARENDR, 1997, p.38). A autora afirma que pelo conceito de caridade se resolve o problema do medo e da morte. “O problema que põe esta impotência a vida a dispor de si mesma, introduzida pela experiência da morte, é, portanto, aqui “resolvido” pelo conceito de caridade”. (ARENDR, 1997, p. 38) O que também pode se dizer é que é resolvido a dupla interpretação da morte, ela é definida como mortal, “é o mal (malum) extremo que pesa sobre a vida, prejuízo absoluto”. (ARENDR, 1997, p. 20). Preserva-se o “amor como appetitus”. (ARENDR, 1997, p. 21)

Santo Agostinho à cerca da reflexão sobre o fenômeno da morte diz que ela não é nada, é apenas uma passagem de uma dimensão para outra, é o passar para o outro lado do caminho onde a alma ou espírito deve ter paz para purificação e poder seguir adiante tranquilo pelos jardins dessa dimensão em que se encontra e nessa passagem tudo continua interligados, o

mesmo ser e suas ações na terra continua no plano superior. A “separação” entre os indivíduos não é motivo para aqueles que permanecem por enquanto no plano terrestre viverem em lágrimas e desesperos. É apenas uma “separação” dos que vivem no mundo das criaturas dos que vivem no mundo do Criador. Pela Caridade o homem se livra do medo e da morte, não está mais entregue ao mundo da perda, a morte passa a ser vista como um “mal (malum) extremo que pesa sobre a vida, prejuízo absoluto”. (ARENDDT, 1997, p. 20). A morte é essa imperfeição na medida em que se institui sobre a vida do exterior e a vida é considerada “à primeira vista como mortal” (ARENDDT, 1997, p. 21) o poder lhe é ausente, a morte surge como uma imperfeição extrema de uma vida determinada pela cobiça.

Arendt argumenta que se a morte é vista apenas como mal extremo, na estrutura do desejo a argumentação do “amor como desejo” é preservado. (ARENDDT, 1997, p. 21). É fato que o homem terrestre não é independente, tem sua vida determinada pelo amor, objeto de busca para o bem que liga uma coisa “por ela mesma” seu fim é tornar efetivo, uma força dirigida a esta realização, e pelo temor, medo de perder o bem supremo que deseja. A liberdade, autonomia de escolher ser livre encontra-se na eternidade, no “futuro absoluto” que nos livra de todo medo e da morte “torna-nos libertos e servos da caridade” de desejar o eterno. (ARENDDT, 1997, p. 39). O medo da perda, um constante movimento da vida, de “estar perto de” do bem supremo de onde surge a caridade livrando o ser de toda cobiça. A liberdade de autonomia é uma liberdade futura de pertencer por ligação a Deus pela força do amor, a cobiça tem conhecimento do medo a Deus como medo do castigo de estar longe Dele e também tem conhecimento da Fé no Criador, Arendt diz não ser a mesma Fé de Paulo Apostolo, na tríade: Fé, Esperança e Caridade, em que o valor maior é posto no Amor. O amor se realiza na ausência do medo, seu fim é “fruição” do bem, na Caridade “estar perto de” do Criador. (ARENDDT, 1997). A realização da cobiça se liga de modo contínuo ao medo que a direciona de um objeto do mundo terrestre a outro e torna o homem escravo pelos objetos que pertencem e tem seu fim no mundo.

## **2.11 O amor ordenado - O uso livre**

Servindo a caridade na “fruição”, no por amor de ti o mundo é posto em relação com Deus e passa a ser compreendido através da “liberdade de da caridade”, o ser autônomo, a

procura da vida verdadeira faz uso livre dos objetos terrestres que por força do “por amor de” do qual apenas existe em sua significação é uma expressão de relação e de uso da “coisa” que é “determinada pelo amor enquanto desejo (appetitus)”. (ARENDDT, 1997, p. 39-40). Arendt argumenta que esse amor do mundo determinado pelo fim último é um amor de segunda ordem. A caridade é esquecida e transforma-se em futuro absoluto. O Bem Supremo é quem conduz e unifica a ordenação do mundo dos objetos disponíveis seja no mundo visível ou no mundo invisível, o ser que ama na busca do Bem Supremo esquece o mundo em sua autonomia, tudo se liga por um fio que tem seus princípios na eternidade no qual é duradouro, e que pertence ao Criador. A vida terrestre e passageira é apenas uma cópia do original, de forma que parece existir a possibilidade de tornar visível os objetos que foram criados nesse mundo maior, assim como a vida do próprio ser humano, para que de alguma maneira beneficie aos homens e com isso também pode dificultar o seu desenvolvimento quando feito o mau uso desses objetos.

A caridade abandona o mundo presente das coisas materiais e se transforma em “futuro absoluto” (ARENDDT, 1997, p. 40), o mundo deixa a sua significação primeira, e o amor que temos não é mais por ele, ou seja, o mundo, e sim pela eternidade que tem por princípio morada fora do mundo humano, de forma que o mundo e as relações que o ser tem com ele passa ser posto em ordem. Na procura da vida verdadeira o ser de si próprio se relaciona com o desejo, a existência dos objetos se justificam na sua permanência que é projetada no futuro. Arendt (1997, p.40) chama a atenção sobre a dupla aparência do amor a si, “o amar-se a si mesmo”, o homem na procura de si descobre que é mortal, a vida dele não se ordena por si própria, o amor a si mesmo para o ser do mundo torna-se em “ódio de si mesmo (odium sui), e isto não porque ele teria orgulho, Paulo Apóstolo” (ARENDDT, 1997, p. 30), e sim porque esse amor de si mesmo se perde com o medo e a morte.

### **3. CAPÍTULO II**

#### **3.1 Criador - Criatura (CREATOR-CRIATURA)**

No capítulo anterior, Hannah Arendt apresenta uma analogia estruturada e minuciosa sobre o amor como desejo – o amor de si.

O problema do amor em Santo Agostinho teve como propósito resolver dilemas intrínseco ao homem e sua alma, seu objetivo era desvendar os mistérios que há entre o homem e Deus, essa percepção de como o homem se relaciona com Deus muda toda a maneira de viver a vida, a convivência consigo mesmo, com o outro e com o próprio Deus é o que dá sentido à existência. Portanto, se o homem quer conhecer Deus terá que conhecer-se a si mesmo, terá que conhecer sua própria alma, interiorizando-se no mais profundo do seu ser, porque Deus encontra-se no íntimo do ser humano, de nada adiantará o homem buscar Deus fora de si, pois jamais o encontrará, Deus habita no coração e na mente do homem e Nele há verdadeira sabedoria.

Essa busca pela divindade, muito embora seja dentro de si mesmo, o ser humano pela sua limitação terá que percorrer um longo caminho, pois, acostumado a olhar na maioria das vezes o fora de si, terá o homem de enfrentar grandes desafios e conflitos consigo mesmo, para

entender que o mundo só terá sentido se vivermos as leis regidas por Deus, através dos seus ensinamentos.

Se compreendemos a maneira, o como, essa ligação ocorre entre a criatura e seu Criador a vida do ser humano passará por enormes transformações, sendo possível uma vida mais justa e feliz, certamente muitos males que hoje assolam a humanidade provocados pela busca desenfreada dos bens materiais, desaparecerão na medida que formos capazes de entender que somente Deus tem o poder de nos dar a vida e para Ele tudo retorna, conforme sua afirmação, no (Ap 22.13): “Eu Sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim”.

Retomando a reflexão à cerca do amor no entendimento de Arendt à luz do pensamento agostiniano, no capítulo 2 – O CRIADOR COMPREENDIDO COMO CRIATURA, podemos dizer que esta análise nos diz sobre o amor em outra dimensão, o amor a Deus, essa espécie de amor passará primeiramente por um processo que definirá a criação do ser, tudo que há no mundo para Santo Agostinho é criação de Deus, nada poderá ser criado senão por Ele. Para o filósofo a criação do ser acontece por intervenção de Deus, na eternidade em algo chamado por Arendt de extra mundo, ou seja, um mundo superior ao mundo terrestre, um mundo Celeste.

É nesta experiência extra mundo que se origina o ser por intermédio de Deus, Arendt refere-se a um ente, uma espécie de energia que interage com Deus para dar vida ao ser, pois o ser sozinho não tem o poder da vida, depende totalmente da bondade de Deus, que é Superior a todas as coisas existentes no céu e na terra e sabe o que é melhor para a existência humana. Neste lugar especial fora do mundo terrestre, numa outra esfera, cada ser traz consigo uma memória que orienta as coisas para se adaptarem, dando vida ao ser, quando há esse reconhecimento entre ser e Deus imediatamente ocorre a vida, essa é condição única para todos os seres, não há, portanto, percurso diferente para a existência. O ser carrega consigo uma memória que armazena os acontecimentos que servirão de base para a sua vida terrena, no entanto, este indivíduo não se lembrará com precisão do momento em que ocorre essa fusão, há o esquecimento temporário do conteúdo que está na memória, é nesta memória que o ser encontrará a possibilidade da vida feliz. Sem este amor puro de Deus que se encontra nesta memória o ser humano permanecerá preso as limitações impostas pela ignorância, permanecendo na cobiça ao invés de encontrar-se na caridade divina que é o amor.

Com o curso da vida o ser relembra as recordações, construídas ao longo desse percurso, são atos praticados pelo ser que ficaram armazenados em sua memória, ações sob a égide do amor da perseverança, da compreensão, da verdade, ações asseguradas no amor a Deus, são esses bons hábitos, que possibilitam a interação da criatura com o Criador, promovendo uma

ligação, uma união do ser para Deus, esse encontro final com Deus no qual acontece a transformação do ente em ser, é como um lampejo, nesta passagem do ser para a existência, há um esquecimento temporário, permanecendo armazenado na memória, todas as lembranças, que serão acessadas posteriormente.

Foi então que tuas perfeições invisíveis se manifestaram à minha inteligência por meio de tuas obras. Mas não pude fixar nelas meu olhar; minha fraqueza se recobrou, e voltei a meus hábitos, não levando comigo senão uma lembrança amorosa e, por assim dizer, o desejo do perfume do alimento saboroso que eu ainda não podia comer. (AGOSTINHO, 2007, p. 66)

Essas memórias fazem parte de um passado que já vivemos, todos os nossos sentimentos bons, ficam como que a espera de nos levar de alguma forma a vida feliz. O grande objetivo de Deus ao nos criar foi justamente proporcionar ao homem uma vida de paz e luz, Ele nos deu a vida para alavancarmos novos conhecimentos e crescermos, abandonando uma vida medíocre para alcançar uma vida melhor, para que através de uma revisão de conduta pessoal, pudessemos acertar e encontrar a felicidade, e essa felicidade se encontra em nós mesmos, numa memória aparentemente oculta, mas, que a qualquer momento poderá ser acessada pelo ser, em benefício de sua própria evolução. Assim, a vida feliz tem como garantia a memória (memória), uma memória que vai mais longe do que o passado intramundano – uma vez que se recorda de uma vida feliz que não se pôde conhecer nesta vida que é só de miséria. (ARENDRT, 1997, p.66)

Neste sentido Agostinho utiliza o exemplo da própria história, enquanto permaneceu entre suas inquietações mundanas e suas súplicas, postergando a decisão no qual o levaria para a vida em Deus, o “não agora” travava verdadeira batalha com suas memórias. No entanto, ele superou todos os obstáculos da vida humana em busca da felicidade, sua força de vontade foi determinante para que esta mudança pudesse acontecer, pois é necessário que a transformação que acontece em si mesmo, a partir do indivíduo. (AGOSTINHO, 2007, p. 78)

A vida na terra é cheia de ilusões. Todavia, ao perdermos todas as ilusões pela “felicidade” terrena, o espírito é despertado para as verdades eternas, assim como aconteceu com Agostinho, caso não haja esse despertamento para vida, o ser humano ficará a mercê de suas mazelas e passará a vida na terra na mesma condição em que chegou, adiando compromissos únicos, pois, cada ser humano tem a sua individualidade e sua missão neste mundo, para Agostinho é o mesmo que morrer em si mesmo. “Adiava de dia para dia o viver em Vós, sem, contudo, diferir o morrer todos os dias em mim mesmo”. (AGOSTINHO, 2007, p. 53)

Neste processo da memória é concedido ao ser as lembranças, por meio de sensações daquilo que vivera num passado, no entanto, não são lembranças lúcidas, pois o homem ao chegar na terra possui uma visão limitada das coisas extra mundo, são recordações guardadas na memória que se apresentam em nosso ser em forma de sentimentos de bondade alegrias ou tristezas e que são capturadas e direcionam suas atitudes. O que fizermos de bom com esses sentimentos que habitam neste mundo não visível nos tornará felizes.

Na medida em que esse passado vai se apresentando e isso ocorre pelas lembranças, a criatura vai reconstruindo sua vida, podendo transformar o presente a sua volta, possibilitando um futuro melhor e feliz, que será invariavelmente alcançado pela busca constante da presença de Deus que é o fundamento de todas as coisas que há no mundo, inclusive a existência do homem. “Só a memória garante a presença racional do objeto ao sujeito. E nessa ligação o ser se encontra em si mesmo”. (AGOSTINHO, 2007, p. 247)

Assim, tudo que está na memória, tais como:

A luz, as cores, as formas dos corpos, pelos olhos; toda espécie de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pelas narinas; todos os sabores, pela boca; enfim, pelo tato de todo o corpo, o duro e o brando, o quente e o frio, o suave e o áspero, o pesado e o leve, quer extrínseco, como intrínseco ao corpo poderá se fazer presente. (AGOSTINHO, 2007, p. 95)

O desejo age através de uma autonomia que se relaciona com o ser e instantaneamente a memória é acionada, através das sensações, percepções, por exemplo, quando estamos em determinado lugar que nesta vida ainda não estivemos, mas, temos a sensação de conhece-lo, ou um país, ou até mesmo um acontecimento que nos leva a uma sensação de que não nos é estranho, ou determinadas pessoas que vimos pela primeira vez, mas, pensamos, conheço esta pessoa de algum lugar, mas, na verdade, nunca a vimos nesta vida, enfim, coisas que nos são trazidas através do pensamento de maneira automática, advindo dessa memória oculta para o ser, pois, não há vemos visivelmente, mas, de alguma forma ela existe. Muito embora essa memória esteja invisível ao ser, Deus detém todo o conhecimento de todas as memórias, de todos os seres humanos e nos distingue como seres únicos, pois criatura e Criador, estão externamente ligados, mesmo a alma sendo pecadora, porque todos, os seres, tem em comum o mesmo desejo, a felicidade. Sendo Deus um Ser iluminado e bondoso, sempre encontrará meios para que sua criação se enverede pelo caminho do bem em busca do crescimento



espiritual individual. “Se a alma pecadora procura ser feliz, a alma pura procura também aquilo de onde poder retirar a sua felicidade”. (ARENDDT, 1997, p. 68)

Segundo Santo Agostinho, Deus habita em nossa consciência, está em nosso ser, ao pensarmos Nele, Ele se aproximará de nós e seremos cada vez mais felizes, é preciso deixar Deus coexistir em nós.

Se queremos usufruir dessa lembrança divina devemos nos aproximar cada vez mais, daquele que é a certeza de onde tudo parte Deus. A lembrança torna o homem superior a si mesmo, sendo a lembrança uma experiência singular entre o ser e Deus. Arendt (1997, p. 69), considera que “o homem chega a essa memória pelo amor do amor de Deus”, tal analogia compartilha do pensamento agostiniano que afirma que o ser humano encontra-se no amor mais puro e eterno que é o amor de Deus, Aquele que amou a humanidade de tal maneira que entregou Seu Filho amado para ensinar aos homens errantes sua caridade maior que é o amor e que nenhuma criatura se perca na vida de pecado e encontre a eternidade. Ao estudarmos as Escrituras Sagradas nos deparamos com a inexorável afirmação “porque de tal maneira amou Deus ao mundo, que lhe deu o Seu Filho Unigênito, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas, tenha a Vida Eterna”. (Jo 3.16)

O amor de Deus elimina todas as fronteiras que possam existir entre o ser humano e Ele, certamente Deus criou a memória estrategicamente sabendo que o homem sendo sua criatura, jamais viveria para sempre como ser inerte e pecador e de acordo com o desenvolvimento espiritual de cada um buscaria em seus pensamentos razões para a existência, e essa razão está em Deus, está armazenado nas memórias, basta que o ser faça uma “retrospecção reflexiva” que a memória lhe trará o que precisa para ser feliz. (ARENDDT, 1997, p. 73)

Para Arendt, não é o desejo que leva a felicidade, mas, a interrogação constante do ser humano para ele mesmo, através de suas atitudes, muito mais do que almejar a felicidade é preciso lutar por ela. Santo Agostinho afirma que é necessário descobrir o que o homem deve possuir para ser feliz, pois a felicidade contém um bem da qual sua existência depende, que seja um bem imutável, firmado nas coisas eternas e não em coisas passageiras como em bens materiais que levam a felicidade subjetiva na vida do homem. “Se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés de sorte”. (CARROCINI, 2014, p. 64)

A vida feliz depende da capacidade do ser de regressar a si mesmo e a Deus que é a razão de toda existência. Para alcançar o mérito da vida feliz é necessário percorrer caminhos desafiadores, sair do comodismo. O grande engano é nos acomodarmos frente às situações que

nos fazem perder o próprio significado. É preciso reagir as adversidades, lutar incessantemente e entendermos quais são os propósitos de sermos verdadeiramente feliz, só assim poderemos reconhecer que a felicidade não é um mero acaso, precisa ser conquistada com ações corretas. O mundo é um lugar de reconhecimento espiritual, quanto mais o ser humano caminhar rumo a esta direção mais rapidamente reencontrará suas memórias, Naquele que tem o domínio da felicidade permanente, mas, para isso o homem terá de aprender a cuidar de si mesmo, responsabilizando-se pela própria vida sem colocar a sua felicidade em mãos alheias, pois a felicidade se encontra nas mãos de Deus, aquele que souber busca-la será feliz. Entretanto o ser humano precisa mudar com boa vontade o estado de criatura em que muitas vezes se encontra, retirando as muralhas que impedem o progresso do homem sobre as coisas divinas, é preciso buscar na memória as imagens que conduz a felicidade. O homem precisa se ocupar menos das coisas materiais e se integrar em Deus, dessa forma descobrirá que as maiores realizações só serão alcançadas a partir de muito esforço e dedicação, um desenvolvimento a partir de si mesmo. Então, para melhor entendermos a conexão que Arendt faz, discutido no capítulo 2 criatura-Criador, podemos dizer que a relação entre Deus e a criatura está firmado num vínculo de dependência da criatura para com o seu Criador, essa dependência se estabelece, “a partir da falta específica de vida” onde entra a compaixão de Deus que, por pura bondade, concede ao ser a oportunidade da vida, mas deve haver na criatura o elemento chamado fé e a superação do “não, ainda”. (ARENDR, 1997). Tal estrutura de formação da vida ocorre antes, quando o ser regressa a si mesmo, e depois Naquele que o criou. Esse duplo sentido do antes adquire o verdadeiro significado, ou seja, aquilo de onde se vem e aquilo para onde se vai, uma passagem de si para seu próprio fim, o ente a partir da memória, aciona o ser para a vida e de acordo com esta “relação retrospectiva”, quando há a união do passado e futuro extremo “o regresso a Deus é a retrospectiva com o seu próprio ser, e toda a criatura só é na medida em que detém esta ligação retrospectiva à sua própria origem”. (ARENDR, 1997, p. 70). Esse procedimento de formação da criatura ocorre por imitação de criatura-Criador e no tempo de Deus que é diferente do tempo do homem, a criação do ser independe de tempo conhecido pelo sujeito terrestre, pois Deus é eterno e entre o ser e Deus o que existe é a eternidade, se há tempo na eternidade é um tempo de Deus que não é medido pelo homem. Em Agostinho, a alma é a sede das capacidades humanas de compreensão, percepção, raciocínio, sentimento, em suma, de todas as potencialidades do espírito. Da mesma forma, o filósofo afirmou que a sede do tempo está na alma. Para entender isso é preciso ter em mente a ideia de que o tempo faz parte da criação: o tempo é criatura. Fora da criação existe somente a eternidade de Deus, que consiste na

imutabilidade, na ausência de tempo. A eternidade, assim, não é tempo infinitamente prolongado, mas uma existência sem nenhum limite, ao contrário de, por exemplo, a existência humana que é uma distensão, cujas fronteiras são o nascimento e a morte. “É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das, presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras”. (GAGNEBIN, 2005, p. 68)

Para que haja o fenômeno da vida o ente entra em conexão com o ser, através da memória e instantaneamente Deus atua nesta junção dando origem a criatura, promovendo o ente a ser-criatura, dessa forma o passado de uma experiência de vida já vivida que se encontra na memória se faz presente, retorna para que o ser possa refazer sua experiência, perdendo momentaneamente o passado que ficará armazenado na memória, pois, nesta “presentificação torna-se um devir possível”. (ARENDDT, 1997, p. 67)

Para que possamos interpretar esse trajeto percorrido por Arendt é necessário entender na concepção agostiniana o conceito de duplo ente, o conceito de ser, como ocorre a relação entre criatura-Criador, no recuo da própria origem.

A relação que estabelecemos com Deus, ou seja, o como vivemos é que define o tipo de ser que nos tornaremos, sendo que as razões pela criação do ser são pertinentes a eternidade, e somente Deus tem o poder de dar a vida ao ser e todo ser possui capacidade de buscar por si mesmo a felicidade, a grande questão é que para encontrar a felicidade o ser terá que regressar a si mesmo e a sua origem, o Criador.

Na concepção da vida ser-criatura, recomeça uma nova vida, porém, dotada de um passado, tendo que reencontrar razão para justificar sua existência, reaprendendo porque nasceu, porque vive, e porque um dia terá que retornar ao Criador. Quando o ser humano encontra sentido para a existência, encontra também a felicidade. Partindo desta premissa e considerando o estudo feito por Arendt à cerca do nascer da vida humana, podemos afirmar que o homem sempre dependerá de Deus na busca pela vida feliz, no entanto, ressaltando o que já foi dito por Santo Agostinho, enquanto essa procura estiver concentrada fora de si, não haverá, pois, a felicidade, que está condicionada ao regresso a si mesmo e ao ponto de origem da vida, Deus. Somente a alma incorruptível, sábia, livre de interferências mundanas, saberá buscar na consciência as verdades divinas e será capaz de regressar a Deus, que é o Supremo Pai da humanidade. “O regresso à Deus é a relação retrospectiva com o seu próprio ser, e toda a

criatura só é na medida em que detém esta ligação retrospectiva a sua própria origem”. (ARENDDT, 1997, p.70)

O homem feliz é aquele capaz de iluminar a sua alma com as suas ações durante toda a vida, pois, ao regressar a sua origem encontrará a paz necessária, que é Deus, pois, sem Ele não há felicidade verdadeira. O homem terá que exercitar na vida terrena a capacidade de compreender o mundo, a começar pela compreensão de si mesmo, da própria pequenez para que haja seu engrandecimento ético, moral e espiritual. Isto se dará pela libertação dos grilhões internos criados pelas paixões e ignorância, “assim, a vida feliz só pode ser alcançada a partir do regresso (redire) à sua própria origem”. (ARENDDT, 1997, p.69)

É a partir das experiências que vivenciamos, através da dor e do sofrimento que o ser recorre a Deus e Deus permite a dor e o sofrimento não porque Ele é mal, pois, o mal nunca vem de Deus, é justamente o contrário, para o próprio bem da criatura humana, pois é através desse aprendizado que o homem poderá libertar sua alma das desilusões humanas que na maioria das vezes só traz sofrimento e, libertando-se obterá o merecimento de uma vida mais feliz.

O homem “livre”, nem sempre usa a liberdade para a sua própria felicidade, tornando-se escravo da vida mundana, a liberdade foi dada por Deus, se o homem souber utiliza-la respeitando os limites que há entre o homem e Deus, poderá ser liberto das agruras que ele mesmo criou para si e dessa forma engrandecendo-se eticamente, moralmente e espiritualmente, saindo da condição de mutabilidade para a imutabilidade.

Quando o ser é chamado a existência passa pela transformação de nada para ente e então para ser, um ser imutável, criado a imagem e semelhança de Deus e é através desse passo evolutivo, que a caridade de Deus se revela no, ser, transformação que ocorre além-mundo visível ao olhar humano.

O conceito de amor em Santo Agostinho está relacionado ao engrandecimento do homem, a partir do seu aperfeiçoamento nas coisas divinas, o verdadeiro amor é o amor à Deus, quando vencemos a nós mesmos, nossas máculas, nos aproximamos da bondade de Deus. Isso acontecerá à medida que passarmos por um processo de regeneração, renovação interior, pessoal e espiritual necessário. Para que haja essa mudança o ser humano precisa se dedicar não apenas a si mesmo, mas, também ao próximo e acima de tudo aos conhecimentos Eternos.

O ser humano encontrará o Amor de Deus, à medida que se aproximar da perfeição que é o próprio Deus, vencendo o mal que vive no seu próprio interior.

Segundo Santo Agostinho, só há uma força capaz de destruir o mal existente nos corações humanos - o bem - pois o mal não é eterno, o mal é criação do livre arbítrio do homem que vive em constantes conflitos internos, mas, o conhecimento da verdade divina poderá mudar a natureza impura do homem conduzindo-o a uma vida feliz.

A essência do amor verdadeiro que é Deus é o fundamento do pensamento de Santo Agostinho, para ele o amor é o único sentimento que traz luz e paz, caberá ao homem traçar seu próprio caminho para regressar a Deus.

Para ser feliz o homem deve abandonar a vida de pecado, pois os pecados humanos é a morte da vida, o ser humano tem um longo caminho a percorrer em busca da paz interior e o amor é a sublime compaixão de Deus por nós, dando-nos a oportunidade de dialogar com Deus, através da interiorização, entrando no silêncio interior mais profundo para penetrar no mundo Celeste e ouvir a voz de Deus.

De acordo com Santo Agostinho a maior felicidade que o homem poderá encontrar será invariavelmente na vida eterna, que só pode ser junto a Deus que é o mais infinito amor existente, não há nada maior que Deus.

No diálogo de Hannah Arendt com Santo Agostinho à cerca da memória, fica claro que é na memória que são armazenadas as imagens guardamos ao longo da vida, pois algo pode fugir aos nossos olhares, mas, jamais da nossa memória. A memória não se faz visível ao nosso olhar, apenas o que capturamos com o auxílio do mundo sensível o que nos é dado de maneira inteligível. É na memória que está todo o potencial da vida feliz, na medida que transportamos do nosso ser tais imagens, para as nossas ações diárias, criamos essa possibilidade de felicidade, tal convicção está firmada na crença de que o amor está sediado na nossa memória de alguma forma e que ao nos conectarmos com o bem, que é tudo aquilo que fazemos em benefício do outro, bem como a nós mesmos é o que impulsiona o ser humano ao encontro de si mesmo e consequentemente ao encontro do Todo-Poderoso, Deus.

## **4. CAPÍTULO III**

### **4.1 A vida em sociedade**

A caridade é uma maneira que Deus encontrou para unir os seres humanos, e a partir dessa união viverem numa sociedade onde haja o respeito mútuo e o bom convívio. No entanto, o homem fortaleceu em demasia seu amor pelos bens materiais e isto foi distanciando-o do amor mais sublime que é o amor de Deus. A caridade é o caminho eleito para estreitar nossa relação com Deus, uma vez que ao sermos caridosos em seu sentido mais amplo uns com os outros estamos cumprindo o mandamento principal que o Cristo nos deixou que é “amai-vos uns aos outros como Ele nos amou e ama”. (Jo 13.34). Deus é a expressão máxima da Caridade Divina. “Porque de tal maneira amou Deus ao mundo, que lhe deu o Seu Filho Unigênito, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas, tenha a Vida Eterna”. (Jo 3.16)

Ao vencer os desafios internos e externos atribuídos a si mesmo, o homem alcançará essa Máxima do Amor de Deus que é o amor infinito, amor capaz de doar a própria vida por aqueles considerado por Ele filhos.

Arendt parte do pressuposto que a boa disposição dentro do mundo do cristianismo se estende ao amor a Deus, ela segue duas vertentes diferentes do pensamento agostiniano com afeição do homem a Deus, estruturado de modo diferente e tendo como consequência a falta de

conveniência, e que a própria função do amor ao próximo se conserva inteligível. A doutrina cristã, o amor ao próximo nasce conforme o mandamento em amar a Deus e a amar ao outro como a si mesmo, pensamento que é próprio de Santo Agostinho. A criatura voltando a sua origem ao “futuro absoluto”, com o pensamento em seguir as ordens, Leis do Criador, abandona o desejo, o si egoísta é esquecido, mantendo uma distância única entre si e do próximo. A “relação retrospectiva” em que a criatura se aproxima do seu próprio ser, se reconhece na origem, tendo consciência de que ela vem de Deus e volta em sua direção, no seu ser frente a Deus, e somente nesta compreensão do próprio ser de si e da renúncia que se realiza o amor ao próximo, ocorre a renúncia de “si mesmo” no isolamento de estar junto ao Criador e também do seu próximo. (ARENDRT, 1997, p. 151)

Não é possível falar em ter, e muito menos conviver em uma sociedade verdadeiramente justa e amável onde seja impossível a prática do amor mútuo, a vida em sociedade só poderá ser firme com suas bases em princípios que não são determinados por qualquer criatura do passado e do presente, a base foi estabelecida pelo Criador desde o início da criação do mundo e do ser, é a fé comum em que, todas as criaturas devem se orientar que é exigida em sua totalidade de ser consciente de sua existência nessa ou em outras vidas, fé que o impulsionará a prosseguir sempre em frente, sem nunca perder a coragem de enfrentar seus inúmeros desafios que são imanente a sua existência, o ser em si questiona a si próprio e procura as respostas onde só são encontradas fora do seu mundo terrestre, questionamentos tais como: qual seria o motivo de sua existência, porque devo dividir praticamente os mesmos espaços físicos com o próximo, as mesmas coisas e com razões expressivas e diferentes. De onde é que vim e por que do meu nascimento, porque aqui e não lá, porque assim e não de outra maneira, e minhas fraquezas e deficiências, deveria o homem ser completo ou deve ser assim mesmo. Após esse tempo de amarguras e dores que ocorrem e vão ocorrer com todos os seres, será o fim de tudo, o homem terá as respostas de que não conseguiu realizar o que deveria, para onde iremos, lá poderemos continuar a desempenhar as mesmas atividades de outrora, continuar com os mesmos desafios, com as mesmas ideias ou serão impostas novas somadas com as anteriores? Questionamentos que fazem parte da vida da criatura consciente de sua existência que só pode ser mantida por meio da fé, e consciente da existência de um Criador que a tudo governa conforme sua Lei irrevogável, e não por vontade ou capricho de quem quer que seja, de modo a não existir qualquer privilégio a quem quer que possa apresenta-lo. A vida em sociedade verdadeiramente e solidária onde todos possam conviver de maneira fraterna, só se dá por meio do amor mútuo,

a criatura volta-se a sua origem frente ao seu criador, e vive no isolamento das vontades ou desejos mundanos.

Ao homem a experiência fundamental na racionalização e os seus métodos em ações práticas que é inseparável da Fé, vem da vinda visível do Filho primogênito do Criador que viveu entre os seus e exemplificou os ensinamentos do Pai a todos. Na terra a “morte” do Filho do Criador proporcionou o resgate a todos os homens do mundo inteiro, o objeto da Fé é a Redenção pelo filho, numa comunidade formada pelo Criador, e ordenada por uma existência com valores e princípios mútuos, com fundamentos sobre um fato histórico e efetivo de Cristo. “A Fé compreendida como atitude de cada um interrogando-se sobre o seu próprio ser opõem-se aqui uma concepção de Fé que a liga à facticidade ou ‘linguagem’ da história, do passado enquanto tal”. (ARENDDT, 1997, p. 151)

No capítulo três da tese de Hannah Arendt à cerca do pensamento filosófico de Santo Agostinho, nos deparamos com o conceito de duas cidades, a cidade terrena que visa apenas os bens materiais e a cidade boa, a cidade celeste, nos esclarece sobre os dois amores que nada mais é que o amor a si mesmo e o amor a Deus. Na vida terrestre estamos sujeitos ao amor humano, as paixões mundanas, enquanto que a cidade celeste nos conduz a vida na eternidade, o amor maior que é eterno, que é Deus. Esses dois amores compõem a união de corpo e alma.

Na reflexão de Hannah Arendt (1997) acerca da vida em sociedade, cabe-nos observar que em várias passagens Santo Agostinho cita o “amor a si mesmo”, é através do isolamento em si mesmo de uma profunda interiorização que o homem encontra Deus, podendo renunciar o si mesmo em busca da eternidade, o amor ao próximo é a chave que une os seres humanos tornando esse amor em comunidade que o aproxima de Deus, esse amor “exige o homem por inteiro tal como Deus o exige”. (ARENDDT, 1997, p. 152). O homem deve ser capaz de uma fé movida pela sua própria consciência individual pura em busca de uma proximidade maior com Deus.

A filosofia agostiniana não vê o homem separado da sociedade, essa união entre os homens, proporciona uma sociedade mais feliz, no entanto a felicidade na sua totalidade, só se completa em Deus. Enquanto o homem estiver somente em busca de coisas materiais, estará distante de Deus, o caminho que o homem terá de percorrer é de interioridade, é intrínseco ao seu ser, e essa crescente fé que mobiliza o homem a Deus torna-o cada vez mais distante da cidade terrestre e cada vez mais próximo da cidade celeste.

Para Arendt, (1997, p. 154), Santo Agostinho cultiva a “fé que retira o homem do mundo, portanto, de uma comunidade humana, da cidade terrestre”, pois o homem originou-se



de Deus, e não há possibilidade de pensar um homem isolado apenas numa cidade terrestre, há uma interação entre o homens e Deus, e essa relação submete os homens a mesma condição tendo como o mesmo destino igual para todos, a certeza de que todos terão o mesmo destino, todos passarão pelo fenômeno da morte. Para muitos homens essa transição é assustadora, no entanto, para outros é oportunidade de restabelecimento, renovação para nova vida, a vida eterna.

A oportunidade da vida promove uma interação entre os homens, condição de mudança de uma vida miserável onde o homem muitas vezes se resume a matéria-prima, enquanto que a eternidade desperta no homem cunhado pelos conhecimentos divinos, uma nova oportunidade de fazer um novo começo.

Foi a bondade de Deus que criou a condição de vida ao homem, para que pudesse passar por um processo de mudança interna e poder sobejar saindo da condição primitiva de ser errante, saindo de uma condição de vida humana para uma condição divina. A sociedade atual está aquém de uma vida divina, por isso necessita da matéria para alçar voos maiores na busca pela eternidade.

Louvável se faz a divina providencia de Deus em nos dar a oportunidade de viver e é essa oportunidade que nos aproxima Dele, à medida que formos humildes e aceitarmos a convivência harmoniosa com o outro apesar de todas as diferenças que possam existir entre todos. É na grandeza de Deus que nós nos descobrimos, e é o quanto nos empenhamos nesta relação em forma de amor, fé e realizações que nos impulsionará para um mundo melhor, o homem precisa sair do seu reduto, do apenas eu e cooperar consigo mesmo afim de abandonar a ínfima condição do nada a que se encontra, a oportunidade de mudança acontece quando há disposição interior, assim como ocorreu com Agostinho, sua transformação só foi possível pela dedicação a si mesmo, ao próximo e conseqüentemente a Deus. Assim como ele relata com seu exemplo de vida, demonstrando que só haverá uma subida à Deus se houver determinação, sua vida material foi marcada por muita dor enquanto acreditava apenas nos prazeres humanos e só teve paz quando soerguei ao coração amoroso de Deus.

Deus nos criou à Sua imagem e semelhança, mas, o ser humano está muito abaixo da condição de Deus, tendo que passar por muitos desafios, rever seus valores humanos e espirituais, para que um dia tenha condições de regenerar-se por completo e poder conhecer um mundo melhor que o terrestre. O homem assim como aconteceu com Agostinho de Hipona terá que vencer todas as mazelas da vida terrena, todas as paixões humanas, perder-se para o mundo e reencontrar em Deus.

A comunidade na terra é determinada pelo ser com e para o outro e não surgiu pelo simples fato de existirem esses seres no mesmo período, ou por vontade sem significado, e não terá seu fim de modo arbitrário, a sociedade terrestre está sob um segundo fundamento histórico efetivo e eficaz que faz parte do planejamento Divino do Criador com possibilidade de salvação Divina ou Redenção por Cristo, não sendo pois simples coincidência que unem os seres, a cidade terrestre está fundada e fixada historicamente na descendência comum do gênero humano e com uma igualdade entre todos, igualdade que deixa marca que constrange, igualdade pelo fato da representação do pecado ser fixada no radicalismo em que o homem não pode se esconder de sua origem natural, igualdade de ser humano em que ninguém está no mundo só e todos tem o destino certo, “o dever morrer”, para alcançar a verdadeira vida, uma vida em sociedade formada e vivida pelos seres em busca da eternidade, seres criados por Deus. A reciprocidade entre os homens no mundo é determinado na formação do “ser-conjunto”, é compreensível pela igualdade de situação de ser humano e viver na mais diversa oposição, são os desafios a serem vencidos, uma vida vivida na diversidade sem divisão, esse é o desafio da criatura, a renúncia de si, porque nenhum homem tem sua independência na totalidade, sempre necessita de algo externo, de modo que tudo que é histórico é mediado pela fé e pela confiança e não pela mediação da razão, a fé no “ser-conjunto” é que deve ser observada para permanência do gênero humano, deve verificar-se esta fé necessária. (ARENDDT, 1997, p. 155)

O sentido verdadeiro da igualdade da situação é o destino da morte que faz desaparecer todas as diferenças, “o dever morrer” igualdade da situação do ser humano enquanto humano, que encorajado como fato natural vivendo cada dia o “amai-vos” reciprocamente, em que o ser se vê frente ao Criador, e tem consciência de que todos os homens são igualmente pecadores, e esse amor recíproco não se deve pelo fato de serem ambos pela origem da igualdade pecaminosa, mas pela Graça Divina revelada. (ARENDDT, 1997, p. 155)

O mundo terrestre, a sociedade, é importante devido aos que tem sua crença no cristianismo e ao passado com a participação no ato do pecado original, pelo qual é compreensível a “morte” o passado não cessa com a libertação do corpo físico, fica claro com o fenômeno da morte que custa ser compreendido como um fato natural para os homens, e passa a ser considerada como uma fatalidade. O fenômeno da morte, é fato, tem existência, e para os que acreditam que o fim da vida terrestre é somente não mais ser visto, e mais, que continua em sua origem verdadeira, adquirir um sentido novo de vida, desse modo a morte possibilita compreensão de distintos modos, ela é boa para os seres bons e má para os seres maus. O ser terá compreensão da sua existência verdadeira no momento em que tiver consciência de

pertencer ao mundo e lutar contra as coisas do mundo, se desvincular dos desejos do mundo para alcançar a vida nova. O amor ao próximo, mandamento divino, não está restrito ao conjunto de todos os cristãos, é para todas as criaturas indistintamente, é dever do cristão para com o próximo devido ao pecado herdado expandir a Fé no Criador no resgate do próprio ser na sua origem, viver no egoísmo de si só privando o próximo da revolução é ficar preso no pecado, defender-se do mundo é tornar-se oposto ao mundo e receber a graça divina de viver ao “ser-conjunto” com um sentido novo. (ARENDR, 1997, p. 157). A fundação da cidade de Deus está firmada sob essa defesa frente ao mundo, o nascimento do novo “ser-conjunto” na união de pensamentos das criaturas conscientes do amor do Criador para com suas criaturas, de modo a vencer o mundo e a morte, e é por intermédio do seres humanos na investida contra o velho costume da velha sociedade, que a vida nova se funda em Cristo com o amor mútuo que “dissolve a dependência recíproca” (ARENDR, 1997, p. 165) na sociedade, fé que também extingue a dependência do mundo, a vida na cidade terrestre, de modo que a reciprocidade é o cumprimento do mandamento, o “amai-vos” como o Criador nos amou e ama e o seu regulamento para o cristão que dessa forma é reconhecido na obediência por esse amor fraterno, fé que torna o ser de si com o ser de outrem na igualdade, a prática da caridade como dever na vivência de uma sociedade justa, solidária e fraterna. A vida nova nessa comunidade, o Criador é compreendido como corpo com todas as criaturas em si como membro desse grandioso corpo e se um membro sofre, adoece, todos os outros membros sofrem, o ser particular deixa de existir de modo que o resgate de cada membro é dever de todos na comunidade nova, na cidade de Deus. O amor de si se transforma em amor mútuo no seu sentido mais elevado em que o ser do si próprio se identifica com o ser do seu Criador, o corpo, em que o ser de si é apenas e somente membro. No entanto o amor, a caridade é uma necessidade permanente a todos os seres, bons ou não, que vivem no mundo, é uma necessidade comum de compreender na fé o dever para com os outros seres no amor e não sustentar o perigo da tentação do mundo, de um passado comum do pecado herdado por Adão, tido como símbolo desse pecado. Esse amor firma-se na consciência desse perigo comum, “o ser-em-perigo”, a comunidade do “ser-conjunto” na cidade terrestre passa por uma transformação e fixa esta nova comunidade novamente sobre a “morte”, só que dessa vez não de forma natural como fim da vida terrestre, mas como “tributo do pecado”, como registro de Paulo Apostolo, a morte eterna; e como dito por Santo Agostinho, que também aprendeu com o coautor do planeta terra e de todos os seres, registrado no seu último livro das escrituras sagradas, o apocalipse, que quer dizer revelação, que se registra logo

no início do livro, e nos versículos a seguir onde é encontrado a citação de Jesus Cristo segundo João evangelista sobre, a segunda morte. (ARENDDT, 1997, p. 166-7)

Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos.

E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.

E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras.

E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo. (Ap 20.6,12-15)

Que a existência da primeira morte seja a do corpo físico, o abandono e a persistência dos desejos mundanos, do ser do antigo passado de pecador, pelo criador essa salvação é possível pela “morte”, e o destino é a eternidade, a vida justa a ser vivida conforme determinação do Criador, e em desobediência dessa Lei, é susceptível a morte eterna, a morte espiritual que põe fim a existência da origem da criatura, que é o perigo de voltar ao passado pecaminoso. A consciência do perigo da segunda morte, “o ser-conjunto” tende a se relacionar reciprocamente no amor do Criador, o perigo é um alertamento que abstrai o ser particular do passado, a necessidade pelo nascimento torna-se perigo e cada ser vive a livre escolha, seu livre arbítrio. O ser humano passa a não pertencer mais ao mesmo gênero pela geração, e sim pela imitação do seu Criador de modo a haver uma reciprocidade de Redenção que firma sobre o amor de Cristo e não do amor em si de cada criatura o que ama e o que é amado, eles encontram-se nas mesmas condições sendo eleitos e escolhidos pelo Criador anteriormente. (ARENDDT, 1997, p. 167)

Por fim, ao concluirmos esse trabalho, trazemos o poema do amor de Paulo Apóstolo que foi o grande inspirador para a transformação de Santo Agostinho no conceito de amor verdadeiro, o amor que nasce da alma, o amor desinteressado de coisas materiais, o amor que nutre a relação entre o homem e Deus.

## 5. O POEMA SOBRE O AMOR

*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse Amor, nada disso me aproveitaria. O Amor é paciente, é benigno; o Amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera e tudo suporta. O Amor nunca falha. Havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o Amor. (1Co 13.1-13)*

## 6. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Confissões. Digitação: Lucia Maria Csernik. 2007. Disponível em: <[https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo\\_agostinho\\_-\\_confissoes.pdf](https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo_agostinho_-_confissoes.pdf)>

Acesso em: 12, set 2016.

AGOSTINHO DE HIPONA. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho\\_de\\_Hipona](https://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona)>. Acesso em: 22 out. 2016.

ARENDDT, Hannah, O Conceito de Amor em Santo Agostinho – Ensaio de Interpretação Filosófica. Tradução: A. P. Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

CARROCINI, Celsio Elias. Santo Agostinho: Mínima da espiritualidade de Santo Agostinho. Joinville: Clube de Autores Publicações S/A, 2014.

ESTÁ ESCRITO: AGOSTINHO DE HIPONA. Direção e produção: Pr. Ivan Saraiva. 29'14". São Paulo: Está Escrito. 3 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=INPxD8h7llk>>. Acesso em: out. 2016

GAGNEBIN, Marie J. Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História. IV. Dizer o Tempo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

HANNAH ARENDT. In: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hannah\\_Arendt](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hannah_Arendt)>. Acesso em: 22 out. 2016.

NAMU. Santo Agostinho: Principais Obras. Disponível em: <<http://www.namu.com.br/filosofia/santo-agostinho/principais-obras>> Acesso em: 15 out. 2016.

PAIVA NETTO, José de. É Urgente Reeducar!. 3ª ed. São Paulo: Elevação, 2000.

SANTO AGOSTINHO: O Declínio do Império Romano. Direção: Christian Duguay, Produção: Luca Barnabei. Roma: Luxvide, 2009, 2 DVDs.